

BRASIL-PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1900

N.º 27

Secção Agrícola Portuguesa na Exposição de Paris



Tirada de cortiça (Alentejo)

(Ilustrações do livro *Le Portugal au point de vue agricole*)



A resurreição de uma industria

O ensino industrial português, muito auspiciosamente reorganizado em 1864 por Antonio Augusto d'Aguiar, desarticulou-se logo a nascença pela mais inoportuna intervenção dos agentes burocraticos. Despertou-se do seu rumo, e não é hoje senão mais uma das nossas instituições de simples apparato scenographico, inutil apesar da enganosa vitalidade com que ainda se mexe.

Imaginem um lindo moinho, com todos os seus pertences, o rodizio, a moega, a moenda, e a alfafega com o seu respectivo alfafegero, velas um giro, animando a collina, alegrando a paisagem, zoando, bracingando, esbafando; e no fim de contas molhando em secco, pela razão de que uma pequena formalidade se omitiu: a de deitar grão na tremoula para sahir farinha para os talcois.

A organização do ensino industrial é como a d'este moinho. Faz vista por fora, manobra regularmente por dentro, mas não produz nada.

Creado para desenvolver, para renovar, para restabelecer, para correlacionar, para pôr em concorrência europea as industrias nacionaes, o ensino industrial portuguez, funcionando ha tantos annos, ainda até hoje não exerceo o minimo influxo de lição technica, de informação, de conselho, de simples suggestão, de mere alvitre, a industria nehumha.

A lição contida nos relatorios dos jurys das exposições internacionaes a que temos concorrido, unico fructo que nos poderia vir do confronto lastimoso a que nos submettemos, tem sido completamente desaproveitada, annullando-se para todos os seus effeitos perante a inação dirig. etc.

Em cada nota certame que se nos proporção, como que nos gloriamos de comparecer, n'uma teimosia assistadora, com os mesmos erros, com as mesmas ignorancias technicas, com os mesmos alheios estheticos, de que nos advertiram e nos reprimderam nos certames anteriores.

O grande inquerito, sobre o qual se operou a reforma vigente na ponta das alfafegas, foi igualmente inutil emquanto aos resultados que devia determinar a orientação superior da pedagogia official.

Subsistem ao acaso, desharmonizadas, sem correlação mutua, sem tradição, sem sentimento e sem convicção esthetica, sem modelos escriptamente coordenados, como os dos museus de Londres, de Vienna, de Berlin ou de Paris, sem eminencia superior, sem leis definidas, sem norma nehumha, iniciamente a redea solta, todas as nossas industrias artisticas, como são a serralheria, a cantaria, a marcenaria, a carpintaria, a ourivesaria, a laboaria, a quinquilharia, a bijuteria, a tecelagem, a estampanaria, a canastraria, a olaria, a vidraria, as rendas, os bordados, a encadernação, a cartoneira, os artefactos de couro, de palha, de esparto, de pita, etc., etc.

O difficil aperfeiçoamento que algumas d'essas industrias, tem conseguido atingir deve-se unicamente aos esforços da iniciativa particular, officialmente amparada apenas pela protecção paula.

O ensino industrial, completamente divorciado da produção industrial, exerce-se exclusivamente na missão academica de fazer discipulos diplomados. E' o bacharelato operario, mil vezes mais funesto que o bacharelato burguez conferido pela universidade, porque é de justiça ponderar que um bacharel formado em direito ou em medicina, sempre é, mais ou menos imperfeitamente, um medico ou um juriconsulto, ao passo que um alumnus das escolas industrias, definitivamente graduado por uma carta de approvação em todos os annos do seu curso, verdadeiramente não é nada.

Para em breves termos definir a acção da escola na educação operaria, unico fim a que ella parece ter reduzido a sua vasta missão, precisamos bem do phenomeno de que se trata.

Um carpinteiro, por exemplo, abre na escola a sua matricula. A escola, que nem sequer tem o mais resumido museu technologico, base fundamental de toda a instrucção technica, com os apetrechos das materias primas e dos materias de construção, com o mostruário das industrias e com a exposição documental e viva de todas as phases que atravessa a gestação de cada producto até a sua conformação definitiva, pega no carpinteiro matriculado, e principia por sental o entre um mezinho dos chamados de estimação, que quer ir para consuel, e um joven de luras e pinhos posticos que se destina a verificar da alfafega. Note-se que a escola prepara pelo seu programma os preparatorios do Instituto Industrial e Commercial, e por seu turno o Instituto despeja conjuncta e promiscuamente na sociedade, tirados da massa commun, contra mestres para os officios mechanicos, e candidatos para os empregos publicos! Um mergulha de esparto, e vem acima pronto para amaneuise das contribuições indifferentes; outro penetra, solo a forma frazil de fillo familia, recebe o preparo e sae pronto para se apresentar onde lhe convenha como mestre de feitura. E' um verdadeiro tirocinio de magica branca ou de physica recreativa. Um, dois, tres! e saem a voar todas as mais diversas capacidades sociaes de dentro de um chapéu reconhecidamente vazio.

Retomemos porém o fio da narrativa, e sigamos o carpinteiro typico, ingenuo e de animo progressivo, que sómente veio á escola para se aperfeiçoar no seu officio.

A escola, tomando em consideração esse louvavel proposito, ensina-lhe as figuras de rhetorica, a analyse grammatical, a analyse logica, todos os exercicios de estylo do curso de Portuguez dos Lyceus; ensina-lhe francez; ensina-lhe geographia e historia, e ensina-lhe a chamada *Introdução* nos programas da instrucção secundaria.

Principiara o carpinteiro a carpintear melhor depois de lhe terem metido pela cabeça dentro todos os alludidos conhecimentos, que o estado dispendiosamente duplica do lyceu para a escola industrial, em beneficio da carpintaria?

Tendo aprendido o que é a synoche e a apocope, tendo arrancado o veu do mysterio á conjugação dos verbos francezes, sabendo os nomes dos principaes montes da Asia e dos principaes rios da America, tendo estado de manter duvidas sobre as differenças que existem entre os zoophitos e os mamíferos, ou sobre as divergencias que se deram entre Sancho I e o emir El-Mansur, estará o dito carpinteiro mais apto do que estava antes para apparatusar um entalho ou para differenciar uma sambladura de machete de uma sambladura de forquilha?

A escola acha que sim, e em não me atrevo a desdizel-a, porque não tenho provas experimentaes para affirmar o contrario. Unicamente, se fosse eu o carpinteiro, este processo errotico, indirecto, alguns tanto moroso, esquentar-me-lia muito a cabeça, e eu preferiria talvez dizer simplesmente aos meus professores: «O que eu não sei na minha arte é fazer um caixilho de janella que feche hermeticamente e não deixe entrar a chuva. Se nos senhores sabem como isto se faz, ensinem-m'o. Se sabem apenas tanto como eu sei, retiro-me.»

Devo acrescentar que as escolas industrias ensinam tambem a desenhar, e tem officinas suas de serralheria e carpintaria. E certo que, a meu ver, ellas nada mais fazem senão isso em beneficio directo do operario, mas esse unico beneficio que prestam, prestam-o mal.

As officinas são de ensino elemental, pouco mais ou menos o que em pedagogia se chama, bem arrevessadamente, ensino manual educativo. Do que porém precisam os nossos operarios é de officinas de aperfeiçoamento. As obras de carpintaria e de serralheria das escolas nem muito remotamente se podem comparar ás que fazem ca fora os habéis entalhadores Pinto e Carvalho, discipulos e sucessores de Leandro Braga, e o illustre mestre forjador José da Quinta.

Emquanto ao desenho bastará lembrar que em todos os paizes de educação industrial existe para ensinar a desenhar um methodo nacional rigorosamente accommodado ás aptidões physicas, ás facultades hereditarias da raça a que se destina, e ao meio em que se desenvolve. Assim temos o methodo inglez, o methodo austriaco, o methodo francez, o methodo suizo, o methodo japonês. Em Portugal, vigorando ha trinta e seis annos o ensino official do desenho pseudo-industrial, no fundo quasi identico ao da Escola de Bellas Artes, não ha por emquanto methodo algum estabelecido. Os professores, muitos d'elles trazidos dos mais esclarecidos centros de instrucção industrial, algus peritissimos, nunca se reuniram em congressos indispensaveis para assentar as bases de um programma commun. E, neste desacordo, sem escala do modelos sufficientes, sem reproduções de motivos fundamentaes na arte portugueza, sem exercicios systematisados de desenho a tempo fixo e de desenho de memoria, cada um va em ensinando por sua conta, não como quer, o que em certos casos seria um veh de zolar e de capacidade, mas seguindo-lhe o consentem em prescripções redigidas *a priori*, sem nenhum conhecimento experimental da materia de que se trata, nas secretarias do Terreiro do Paço.

Um facto recente, de iniciativa puramente individual, vem dar-nos agora a mais preciosa indicação acerca do trilhio normal de que andam desencaminhadas as escolas.

A manufatura da bilgrana é uma das mais antigas das nossas industrias tradicionais. Na Europa do seculo xix chamavam á bilgrana *opus vene-ticum*, porque em Veneza se fabricavam bilgranas deliciasissimas, que tornaram famosas os seus artigos. Mas, pelo mesmo tempo, já a bilgrana, oriunda de Byzancio, d'onde a sua persistencia nos paizes scandinavos, se fazia tambem em Portugal, como se vê na cruz de D. Sancho, do precioso thesouro da coroa.

O incomparavel luxo da joalheria peninsular nos seculos xv e xvi desenvolveu consideravelmente a pericia dos nossos ourives, celebrada por Garcia de Recende, e a bilgrana portugueza tornou-se a mais perfeita do mundo.

D'essa famosa industria, de uma tenacidade phenomenal, apesar do estúpido e criminoso esquecimento em que tem jazido nos tempos modernos, existe ainda no concelho de Gondomar, suburbios do Porto, um admiravel nucleo.

O inquerito de 1890 enumerava 413 pessoas empregadas na pequena industria da ourivesaria de Gondomar, e ganhando o salario maximo de

500 réis. Estes humildes artefactes são o ordinário trabalhadores do campo, hortelões e cavadores. E nos intervallos do trabalho rural, aos serões ou pelas grandes intemperies, que a familia toda, adultos e creanças, homens e mulheres, rapazes e raparigas, veem para a banca ou para o forno, dar aos fagedouros do folle, soprar ao maracaré, puxar o ouro à feira, ou assentar o fio torcido e solda-o a trincal sobre o debuxo do molde.

Foi um golpe mortal n'esta industria a evolução da moda que supprimiu muitos motivos da antiga joalharia portugueza, as bolsas de malha de prata e de ouro, os santicos, os relicarios, as arracadas, os brinços de calça e de peço, os corações de pedrillo, as flores tremulas, as mariposas, as plumas, os ricos rosarios em que os turbios, os grãos de ambar e de almizcar e os caracos d'azeitona do Jardim das Oliveiras se entremevam de diamantes e se revestiam de rede de ouro.

A fabricação dos filigranistas de Gondomar achava-se reduzida a pequeninos brinços de orelha e a alfinetes de peito da inspiração mais decadente, representando alaúdes e guitarrinhas, lantemates leques e punitivos chapelinhos de sol, de ordinario em fio de prata, e dados ao desbarar nor infindos precos.

N'estas condições de vergonhosa ruína, degradante para a esthetica e para a arte portugueza, quando o governo linha a mais rigorosa obrigação de intervir, por meio da caçola industrial do Porto, e em nome de uma forma da belleza nacional, que e ao mesmo tempo uma gloria e uma riqueza do povo, foi apenas o sr. Leitão, joalheiro de Lisboa, quem interveiu para que dentro em pouco se não apagasse o ultimo vestigio de um dos mais preciosos e mais lindos documentos que a historia da arte pode invocar em testemunho do ingenho artistico da nossa raça.

O sr. Leitão, compreendendo muito lucidamente que a filigrana, tendo cessado de constituir por si só um typo de joalharia, poderia ser, em applicação, o mais sumptuoso, o mais delicado, o mais bello motivo ornamental em peças de ourivesaria composta, trouxe um feltor de Gondomar para a sua officina de Loreto, e procedeu aos primeiros ensaios da applicação da filigrana a pequenas peças de cristal.

O resultado das primeiras tentativas foi verdadeiramente triumphal, e representa o advento de uma era nova na joalharia portugueza. O sr. Leitão acaba de fazer com a filigrana caseira de Gondomar o que fez Bordallo Pinheiro com a flora popular das Caldas da Rainha, — o renascimento de uma industria morta.

Na ultima exposição universal de Paris, Bordallo Pinheiro vendeu pelo preço que lhe quiz taxar todas as peças que expoz da sua lotuça, peças esculpidas, peças normaes, peças de refugio e peças paradas. E de todas as partes do mundo esse homem, tão notavel pelas suas dedadas no barro como pelas suas pontapes na fortuna, recebeu «recomendas de trabalho» que bastariam para o enriquecer, se elle tivesse alguma propensão para isso.

A razão d'este exito prodigioso e unico em todas as representações de Portugal em exposições estrangeiras e simplesmente que Bordallo foi o unico dos nossos artistas e dos nossos industriales que soube ser original, sendo simplesmente portuguez, isto é, mantendo-se em todo o seu trabalho humildemente fiel á tradição artistica da sua patria. As formas tão imprevisitas e tão graciosas de todos os seus lindos vasos eram apenas as velhas formas hieraticas do nosso vasilhame popular, subtilmente aviventadas por um leve toque d'arte, por uma terna caricia dos dedos do oleiro comovido de amor e de respeito pela expressão da sua obra. Os contornos generaes d'esses vasos, de um garbo tão vivo, de uma flexão tão elegante e tão doce, de uma originalidade tão ponderada e tão caracteristica, eram simplesmente os contornos fiéis das vasilhas populares de Coimbra, de Prado, de Braga, de Redondo, de Extremoz, da Lourinhã. Era a infusa minhota, a cantarinha da feira, o pichel e o morigueo do Alentejo e do Algarve, a caçaba dos nossos moinhos de vento, o alcauz das nossas noras, o pote dos nossos lares, a bilhina samicha da sofa d'agua dos nossos cavadores. E toda a ornamentação d'essas peças vinha directamente, sem outra preocupação erudita, da nossa flora e da nossa fauna mais caracteristica, os peixes, os crustaceos e os batracios mais communs, juntamente com a vinha, o cardo, a alga marinha, a folha da figueira e a vagem dos palmeiros.

Se o sr. Leitão concorrerá á proxima exposição de Paris com os novos productos filigranicos da sua officina é fora de toda a duvida (não é difficil prezel-o) que a nossa filigrana de Gondomar alcançará, com fundamentos equaes, um triumpho analogo ao da nossa louça das Caldas. A boçeta de



loucador, reproduzida n'este lugar pela gravura do Brasil-Portugal dará ao leitor uma ideia da nova produção industrial e da nova arte a que nos referimos.

A peça, aqui reproduzida em dois dos seus aspectos — o conjunto perspectico e o alcado da tampa — mede cerca de 15 centimetros no sentido do seu maior eixo. O fundo é de cristal lapidado e lucidissimo. O ornato de fio de ouro, torcido ou lizo, representa na tampa do cofre, em forma de concha, um stylissimo de pennas de pavão dispostas em fabelo, e entreteidas, prechuidas e conjugadas por successivos arabescos e por ligamentos e enrolamentos de espiras, de anti-espiras e de espiras duplas, em continuas curvas cycloideas e sinusoidaes, como nas composições arabes e persas, em que se filiam os themas mais genuinos e tradicionais da ornamentação portugueza.

Os olhos embem-se com delicia no desenho d'esse ornato tão comprehensivo, tão singelo, de uma tão flexivel agiltude de movimento, tão lizo e ponderado de forma e de escala com as superficies decoradas, e de uma tão viva, tão rigorosa, tão fina expressão metalica!

Os materiaes empregados casam-se tão harmonicamente que nos dá a impressão de que foi para ser solveiro no cristal, e não para ornar a coroa do imperador Lotario ou o livro d'horas de Carlos o Calvo que nasceu a filigrana; e que por sua parte o cristal lapidado esperava a sobreposição da filigrana de ouro para quebrar a friura da sua transparencia e para aquecer como que por um estriamento de sol a aquatica luminosidade das suas factas.

Na contemplação d'esta joia, de um tão perfeito equilibrio decorativo, o prazer da vista é ainda realçado pela doce sensação de alivio e de repouso que dá nos dominios da arte o sahir por um momento para fora dos carreiros peguinados e dos baldios cisminhos de pó.

Achamo-nos finalmente forros da pedantesca tyrannia dos stylos consagrados. Eis ali, louvado Deus, uma peça artistica que nem é grega, nem romana, nem egyptica; nem é imperio, nem Loiz XVI, nem Loiz XV, nem Loiz XIV, nem manoolina, nem Francisco I, nem Henrique II. É uma obra simplesmente, lontanemente, saudosamente, poeticamente portugueza, um pouco cortada d'arabe, como tambem é a nossa tradição, a nossa historia, a nossa vida rural, a nossa lavoura, a nossa arte. A nossa lingua, o nosso sangue, todo o nosso ser.

Calcule-se o prodigioso effeito, a alta e intensa expressão artistica d'este novo principio decorativo applicado, por exemplo, ao conjunto dos variados utensilios de um loucador elegante! Sobre rendas de Fénice, enlaidadas de seda cor de myosotis e cor de rosa, o espelho de cristal ao centro, tendo no alto o brazão de esmalte, nas cores da armaria, engrinalhado de plumas e de mariposas de ouro; os dois pequenos candelabros, levemente tocados de um festão de filigrana, envolvendo a base do castical e a orla das arandelas; depois, igualmente em cristal, ligeiramente ornado de filigrana de ouro, os frascos da perfumaria, os botes dos cosmeticos, os perfumadores, os alfineteiros, a arqueta das joias; e, ainda em filigrana de ouro, o emolduramento dos monogrammas sobre o marfim das escovas, sobre a encaedernação em pergamino do devocionario ou do livro de lembranças; o revestimento do rosario de cristal; e, finalmente, o enobrecimento, por meio da mais succinta ornamentação filigranica, de todos esses miudos utensilios da piedade e do culto domestico, como são os cofres, os relicarios, os medalhões, as estatuetas, as miniaturas de familia, e as molduras e estojos de marfim, de tartaruga, de madeiras coloridas, de veludo, de couro ou de camufla.

É a esse deslumbrante conjunto de novos e mimosos artefactos que se está applicando o sr. Leitão, dando assim a vida a uma industria agonisante, e ao mesmo tempo acrescentando consideravelmente a prosperidade da sua officina, a riqueza do commercio e a gloria da arte portugueza.

A peça de que damos o desenho pertence a Sua Magestade El-Rei. As demais obras de filigrana e cristal, primeiros ensaios n'este genero da joalharia Leitão, foram adquiridas, apenas fabricadas, pelos srs. Polycarpo Anjos e conde de Monsanto.

RAMALHO ORTIÇÃO.



A EXPOSIÇÃO DE PARIS

A representação da nossa agricultura

São dois os pavilhões portugueses destinados: um aos productos colonias, outro á exposição de pescarias, matas e esca, em harmonia com os regulamentos geraes francezes, pois se a essas construcções não fosse obrigado todo o país estrangeiro, Portugal apenas se representaria nas galerias offerecidas pela França de sapões.

A nossa secção agricola, por exemplo, está installada na Galeria das Machinas, ao lado da Russia, da Austria, da Dinamarca e da Suissa, e assim nas diferentes classes se apresentará Portugal ao lado dos outros países.

Não só como medida economica mas ainda como lida de maior e melhor evidencia, em competencia com os productos de todo o mundo, entendeu a commissão organisadora expôr d'esta forma.

Os vinhos, os assites do reino, estariam em immediato contacto com os productos agricolas similares de toda a parte e os especialistas e conhecedores, que de certo não iriam procurar-os a um pavilhão afastado, são forçados a apreciar os all onde todos estão e a dar lhes o alto valor que merecem.

Tanto os projectos dos pavilhões mencionados como o da decoraçáo da secção agricola são obra do eximio artista-architecto Ventura Terra, que, com o sr. J. L. Monteiro e o sr. Marques da Silva, são os nuncios diplomáticos pelo governo francez que temos aqui no país. Entre os architectes francezes que executam n'este momento trabalhos de palacios, decorações, porticos monumentaes, etc., etc., estão bastantes artistas concidipulos d'estes tres compatriotas nomeos.

Esses projectos foram escolhidos em concurso, por um jury a que presidia com a sua incontestavel competencia e seriedade o então presidente da Associação dos Engenheiros Civis, sr. Luciano de Carvalho.

A commissão organisadora da exposição conformou-se apenas com a decisaõ d'esse jury ao qual nenhum dos seus membros pertenceu.

O pavilhão da pesca e das matas está decorado pelo director da Escola Industrial de Xabregas, sr. J. Vaz, bem como o que é destinado á exposição das colonias.

Os trabalhos d'estes pavilhões estão bastante adelantados, devendo o do Quai d'Orsay estar prompto antes do fim de fevereiro e o do Trocadero em meados de março, o mais tardar.

A secção agricola portugueza na Exposição de Paris, em 1900, comprehenderá duas classes ou subsecções nas quizes se contem:

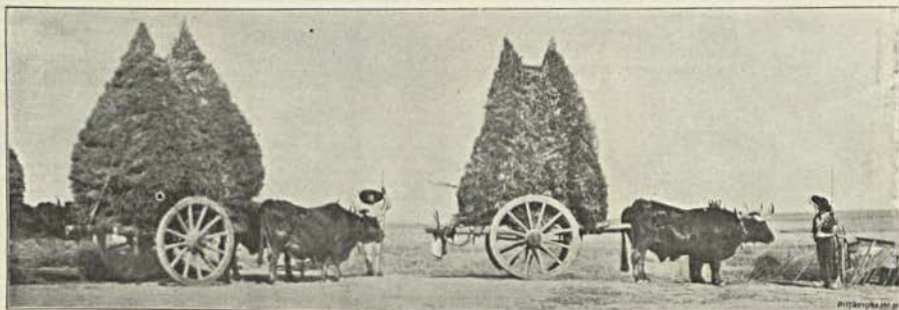
1.º A exhibição de productos da agricultura nacional que são objecto de importante commercio de exportação, ou já começam a ter consumo nos mercados estrangeiros;

2.º Apresentação por meio de memorias, estudos, publicações illustradas, cartas regionaes, graphicos, mappas, albums, desenhos, etc., das condições de trabalho do paiz agricola, de modo a photographar-se por assim dizer a situação presente da industria rural portugueza.

Da primeira classe damos o quadro que segue e que por si só bem diz da sua importancia.

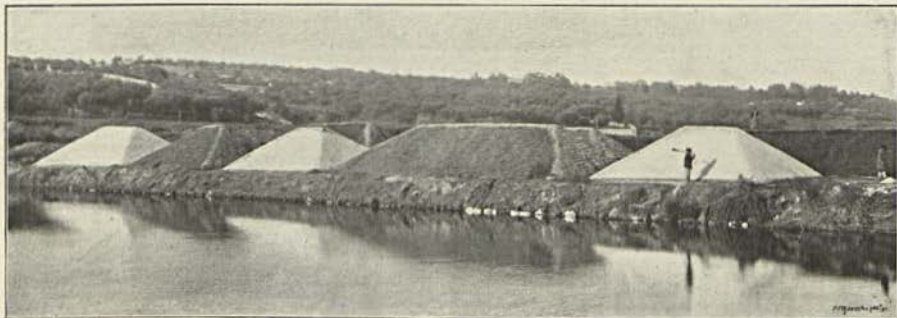
Numero de expositores inscriptos por grupos e por classes em Lisboa e Porto

Grupos	Classificação	Classes	Classificação	Especificação dos productos	N.º de expositores por classes		N.º de expositores por grupos		Total
					Lisboa	Porto	Lisboa	Porto	
VII	Agricultura	35	Material e processos das explorações ruraes	Planta d'uma marinha, photographias de explorações	2				
		36	Material e processos da viticultura	Cepas e fermentos	3				
		38	Agronomia — Estatística agricola	Publicações agricolas	15	3			
		39	Productos agricolas alimentares d'origem vegetal	Asseites, legumes, cereaes, etc.	312	95			
		40	Productos agricolas alimentares d'origem animal	Queijo, leite, manteiga, etc.	48	11			
VIII	Horticultura e arboricultura	41	Productos agricolas não alimentares	Lã, linho, etc.	74	10			
		42	Insectos nictes e seus productos — Insectos prejudiciaes e vegetaes parasitas	Mel, cera e bichos de seda	21	18	465	137	
		45	Arvores fructíferas, fructos	Fructos diversos	17	17			
		46	Sementes e plantas da horticultura	Semente	1		18	17	
IX	Florestas, caça e pesca	50	Productos de explorações e das industrias florestaes	Corticões e madeiras	76	10			
		53	Instrumentos e productos da pesca. — Aquicultura	Um aquario com lagostas	1		77	10	
		56	Productos farinaceos e seus derivados	Farinhas	1				
X	Alimentos	58	Conservas de carnes, de peixes, de legumes e de fructos	Conservas	50	14			
		59	Assucares e productos da confeitaria; condimentos, estimulantes	Vinagres	17	3			
		60	Vinhos e aguardentes de vinho	Vinhos e aguardentes de vinho	267	256			
		61	Xaropes e licores; espiritos diversos; alcools d'industria	Aguardentes diversas	17	8	363	281	
XIV	Industria chimica	87	Artes chimicas e pharmacia	Sal marinho	19	2	12	2	
XVI	Economia social — Hygiene	111	Hygiene	Vaccinas e séros	2		1		
							934	447	1.381



Secção Agricola Portugueza — A caminho da eira (Alemanja)

Illustrações do livro *Le Portugal au point de vue agricole* publicado sob a direcção de Cincinato da Costa e D. Luiz de Castro



Secção Agrícola Portuguesa — Salinas na Povoação de Santa Iria
(Ilustração do livro *Le Portugal au point de vue agricole*)

Na segunda classe ou sub-secção, os dizeres que a especificam, dispensam de maior detalhes. Direi apenas que tem sido tratada com extremo cuidado e desde já lhe podemos assegurar o êxito e a incontroversa utilidade.

O publico de Lisboa teve ensejo de admirar amostras d'esta nossa exposição nas livrarias dos srs. Gomes e E. Ferriz; aguarellas de Roque Gameiro e photographias, verdadeiras obras d'arte dos profissionais Bobone e Biel e das amadoras Carlos Joyas Diniz, Duarte de Mello, etc., representando aspectos do pais, officinas agricolas, gados, costumes, fructos, que serão apresentadas assim e tambem reproduzidas pela photographura nas obras que preparamos e estão em via de publicação, taes como: *Le Portugal au point de vue agricole*, com uma introdução do sr. conde de Ficalho e collaborado pelos srs. Anselmo de Andrade, Paulo Choffat, Julio Henriques, Larcher Marçal, Paula Nogueira, Rodrigues de Moraes, Tullas de Menezes, Philippe de Figueiredo, Monte Pereira, Menezes Fiontel, etc., etc., e que constitue o mais vasto inquerito á vida rural portugueza até hoje feito; taes como: *Le Portugal viticole*, estudo botânico e enologico das castas d'uva portugueza, que ainda não se fizera, trabalho e dedicadamente levado a cabo pelo meu companheiro na Commissão organisa-

dora official o professor Cincinato da Costa e illustrado com photo-gravuras de Bobone e aguarellas de Roque Gameiro; taes como: *L'enseignement de l'agriculture en Portugal*, vasta monographia feita pelos dois organisadores da secção agricola.

O *Brasil-Portugal* começou a copiar algumas d'essas photographias e aguarellas.

Estão a executar-se grandes mappas de distribuição de culturas, de distribuição da propriedade e outros, elaborados pelo sr. Anselmo de Andrade, e a carta hipsometrica do pais aguarellada sobre a carta chorographica, trabalho este tão importante que o sábio professor Elisée Réclus, de reputação universal, sabendo d'esta obra pelo sr. Choffat, immediatamente mandou pedir reproduções.

A juntar a esta massa de trabalho acrescentaremos que todos os vinhos nandados pela Commissão de Lisboa á Exposição foram analysados, figurando a respectiva nota nos catalogos como elemento de apreciação para os jurys.

Na parte das mattas, que os delegados da Real Associação Central da Agricultura junto da Commissão de Lisboa, sondaram á direcção e saber do sr. Pedro Roberto da Cunha e Silva, dignissimo chefe dos serviços officiaes d'esta especialidade e silvicultor distincto, a exposição constará alem dos productos da industria florestal, de dez cartas do litoral, representando n'ellas os trabalhos



Manada de vacas (Alentejo)
Ilustração do livro *Portugal au point de vue agricole*

excentos na fixação das dunas, bem como um modelo em gesso na escala de 1:2500 da parte do areal do Cabedello ao sul da Figueira mostrando o trabalho ali feito; uma carta do planal de Leria; uma collecção de madeiras indígenas e exóticas naturalizadas; photographias da Serra da Estrella, Valle de Zezere, em numero de dezoito, mostrando os trabalhos iniciados na correção das torrenças á arborização; uma collecção de rochas e terras; uma carta a oleo representando a distribuição do carvalho, castanheiro, pinheiro bravo e manso; um quadro a aguarela indicando por familias as principaes essencias indígenas e exóticas naturalizadas; uma collecção d'aves de caça nativas e d'arribação...

Das preoccupações presdiram á organização da secção agricola portugueza: alcançar a maior utilidade dentro da mais estrita economia.

O momento se não é proprio para despesas improductivas, contudo está indicado para o mais avare e racional aproveitamento de todos os recursos que nos tornarmos conhecidos do commercio universal e de provocarmos apreo de estrangeiros que, vulgarmente, tão mal nos julgam por tão mal nos conhecem. Esse aproveitamento vale bem um certo preço porque, n'outras occasias e por outros processos, pôde redundar em multiplicadas e importantes receitas para o país.

N'esta ordem de idéas o meu collega Cincinatto da Costa e eu, dividimos o nosso trabalho, como os leitores notaram, em duas sub-seccões: uma que importa directamente á apresentação e venda de productos agricolas já commerciaes com o estrangeiro, ou que apresentam manifesta tendencia para a exportação; outra que no estrangeiro dirá da agricultura de Portugal por uma forma clara e persuasiva, sem contudo pejar inutilmente galerias com exhibições, que, se chamam a attenção do visitante pelo seu aspecto decorativo, nenhuma fructifera sem elemento serio dão ao julgamento da nossa vida e da nossa riqueza pelos espiritos cultos de todo o mundo.

Consultando os annuarios estatísticos de Portugal, segundo quiz sempre a classificação commercial de productos das nossas pautas aduaneiras, investigando estudei nas seguramente as condições das industrias agricolas portuguezas, organizei a resumida lista de productos da agricultura nacional que, com utilidade individual de expositor e collectiva da nação podem e devem figurar na Exposição da Paris. E não só figurar mas muitos d'elles sujeitarem-se á prova e proporem-se á venda.

Não se trata de exhibições polychromas, tho cheias de apparato scenico quanto de real inutilidade; as amostras dos productos mais importantes serao em quantidades que permitam distribuição de provas; na exposição e fora d'ella vender-se-ha vinho e azeite portuguez, tentando-se assim o mercado por todas as formas possiveis.

E pensamos que Portugal, assim e com a segunda sub-seccão, de que nos occupámos, luta pela sua vida de pais independente, n'uma verdadeiro apostolado nacional, mostrando justamente na occasiao em que o prior agouano das nações portuezas o nega, a sua vitalidade, as condições da sua energia material e moral, o direito que tem á independência e ao respeito das poderosas nacionalidades.

Se não bastam os pergaminhos historicos para o provar, demonstrarmos nos que encaram a vida dos homens e das nações pelo lado pratico e material, que mesmo n'esse ponto os nossos documentos são provantes e irrefutaveis. Temos elementos para vida intensa e abastada, fazemos por ella quanto podemos, intelligente e diligentemente.

E' isso que se ignora lá fora, isso que nós queremos evidenciar aproveitando este raro ensejo e no aspecto mais caracteristico, no ramo mais preponderante da nossa economia.

Além da exposição de productos da agricultura para commercio de exportação, que reputamos em primeira linha e por isso lhe damos a honra de honra, necessitavamos, pois, de uma affirmação perante o mundo civilizado, da nossa riqueza agricola, dos effeitos factores da nossa produção, da nossa intelligencia e trabalho, do nosso adiantamento, do nosso progresso, do nosso futuro...

Entendemos, e n'isto acompanhamos a moderna orientação intellectual, aliás exaltissima dada a fallencia de outros factores, que o livro, a publicação, a conferencia são actualmente o poder moral dos paizes.

Ora, lançando mão d'esses recursos dentro do ambito em que operámos, crimos completar o pensamento que preside aos nossos trabalhos que, realçando-se, demonstrarão, economicamente fallando, o nosso poder material e o nosso poder moral, isto é: a riqueza do nosso dominio agricola e a consciencia com que o explorámos.

Esta obra fica finalmente feita para nós mesmos tambem.

Da antiga philosophia até ao pensamento moderno a intelligencia do homem lhe vem dizendo que o estudo mais digno d'elle é elle mesmo. E o homem, o povo portuez, desconhece-se. E' claro que o nosso programma não é, não pôde ser o de uma exposição ethnographica mas, por certo modo encastrada, será e confessamos que o vivemos em vista, uma contribuição que fique perduravel para esse estudo que lástima é não estar feito ainda.

Esta parte do nosso programma para a secção agricola, se alonga pleno effeito em estrangeiro, fica sendo para o lavrador, para o agronomo, para o economista e para o escriptor agricola portuguez um repositório de que necessiam urgentemente, que não tem e que nunca teriam se deixassem perder esta occasiao de por duas formas prestarmos serviço ao país: mostrando lá fora o que vale a sua agricultura, fornecendo a nações elementos valiosissimos de estudo e de progresso, que, por falta de estímulo, de recursos, de editores, homens competentes nunca poderiam dar-lhes.

D. LEIZ DE CASTRO.

João Moreira da Costa

Nasceu no Estado da Bahia, na pequena freguezia de Mirandella, a dois passos da pittoresca Itapicuru. Estudou como toda a gente, mas não é, como toda a gente, bacharel encartado.



Aventuroso e activo, um bello dia, mal soube exercitar-se na vida, fechou os livros das sabedorias ócas e abriu outros livros mais praticos — O *Diario* e a *Razão*. E teve razão para preferir as partidas ás partidas dos professores que em S. Salvador talvez, ao

tempo, soubessem menos do que elle. D'essa grande resolução sahiu um guarda-livros de pulso, como dizia o Eduardo Tavares Cardoso, do Pará, a soberba cidade do Norte do Brasil, onde João Costa saltou com o pé direito por uma bella tarde de agosto de 83 do seculo passado.

Jacob levou 7 annos para se prender a Rachel. João Costa levou 7 annos para se emancipar das *contas correntes* por conta alheia. Hoje trabalha por conta propria na *Casa Pekin* entre bons crysters da Bohemia, espelhos de Veneza, jarrões japonezes e desencontrados productos ceramicos arrojadamente importados do velho mundo. Um exemplar vivo de pertinacia nervosa servida por uma pouco vulgar lucidez de espirito.

E aqui fica o retrato em dois traços.

Barbosa Vianna

PORTUGUEZ dos quatro costados, e portuguez que sabe honrar o seu paiz, como já o representou, encarregando-se do consulado de Portugal em Pernambuco ahí por 1850. E que tinha valor real e patriota incorrigivel, cujo retrato hoje damos, Barbosa Vianna sahiu, ha perto de trinta annos, do seu torrão de Ponte de Lima por o Recife com a grande bagagem das suas applicações de ser um Ceresus e levando no fundo das suas malas os primeiros versos mal balbuciosos ainda.



E soube conciliar esses dois inimigos irreconciliaveis — o algarismo e a poesia. E tão bem se houve n'esse conciliamento que a Poesia abriu-lhe os braços rílicos e o Algarismo abriu-lhe um cofre recheado. Não é um lyrico asucarado. Não é um pensador massudo. É um humorista, sempre mettido na modestia do seu pseudonymo. Um pratico sem phantasias, um prosador sem pretensões. Um dia o governo inglês quiz pendurar n'elle uma condemnacão por serviços prestados. Mas elle poz-se a rir da ideia. Para que lhe serviria a finta na chefia da sua casa commercial, na nomeação do Gabinete de Leitura, ou na procuradoria do Hospital Portuguez de Beneficencia?

E a sua teimosia venceu. E o governo convenceu-se de que o patriotismo e a despretensão se podem perfectamente conciliar.

Furtado Coelho

(Os últimos dez annos)

A vida física do actor illustre que veio morrer a Lisboa com 70 annos incompletos,ahi a tem visivel, n'esses retratos reproduzidos de varias photographias que datam da sua mocidade, d'esse tempo feliz em que consegue emancipar-se dos desejos paternos para ir ao Brasil, á cata do seu ideal unico — o theatro — e vao até aos ultimos quatro annos, mirado já pela doença horrivel que o ha-de matar. Ahi tem o Furtado, moço e entusiasta, o Furtado genuino da epocha mais brilhante do artista, o Furtado na ultima peça que representou, e finalmente o Furtado, decrepito e doente, oscillando entre a miseria e a morte.

Phisicamente, que bella cabeça de velho a sua, intellectualmente, que desgraça a d'elle, lutando dia a dia com a realisação do seu ideal, tantas vezes já atingido e tantas vezes tambem abandonado!

Nunca artista portuguez conseguiu ter em tão longos annos de theatro, maiores glorias e maiores decepções. O feitiço naturalmente bohemio do seu caracter, generoso sempre para com o infortunio dos outros, e por habito alheado do bem proprio, havia fatalmente de lhe proporcionar, mais tarde, desillusões e martyrios em que mal se sonha, em plena felicidade, mas que se soffre cruelmente depois, quando já não ha remedio.

Portuguez por nascimento, brasileiro por gratidão, Furtado amou a um tempo a patria que lhe deu o berço e a patria que lhe deu a gloria, porque foi no Brasil que elle se fez, ahi que elle se engrandecou, lá que elle passou o melhor tempo da sua vida artistica, foi ao Brasil que elle finalmente deu, com toda a força da sua vontade e o brilho do seu merito, a criação do theatro nacional. Não o acompanhamos n'esse periodo artistico, porque todos o conhecem no Brasil, desde os primeiros dias em que desembarca no Rio, apparecendo pouco depois a firmar no *Correio Mercantil* uns artigos sobre arte dramatica, que produzem sensação no meio intellectual d'esse imperio que então reurgia independente e livre, por entre as ambições de uns e o gozismo dos outros. Não tentaremos descrever o que foi esse elegante Didier das *Mulheres de Marmore*, esse brilhante *Desgenais* que arranca apenas com a sua dicção, tão simples e tão distincta, ovações que a esse tempo só se conferiam aos gritadores e aos convencioneiros, elle que se propõe a revolucionar, por completo, o theatro moderno, e a ser no Brasil mais que o continuador, porque foi o adivinhador da escola de Lefebvre e Lafontaine Assaya, as duas melhores peças do theatro brasileiro, e por fim *O actor*, o protagonista do seu grande drama, tudo isto em tempos que já vão longe, até aos mais recentes em que elle nos apresenta o *Olivier de Janin*, do *Demi Monde*, tão espiertuosamente delicado e tão finamente subtil; o milagroso *Doutor dos Intimos* de Sardo, fazendo soltar, a um tempo, de uma garrafa de remedio, a rolla remissa, e da varanda de um terraco, o apaixonado juaneco; é uma série de ininterrupta de creações modernas, em que as personagens vivem com elle, naturalmente, sem exagero de convenção, sem formas falsas de interpretação, falando no palco como falariam cá fóra, gesticulando como se estivessem conversando commosco, mas guardando sempre na sua medida exacta a distancia que deve ir entre a realidade no theatro

e a realidade na vida. Está n'isto o segredo dos grandes artistas modernos, e Furtado Coelho foi-o, sem faltar.

Mas a sua pagina artistica é muito complexa. Foi o theatro o seu sonho, do theatro viveu, para o theatro trabalhou sempre, em todas as varias manifestações do seu talento; o theatro foi o seu ideal unico, que elle seguiu com uma perseverança de fanatico desde os 20 annos, em que debutou n'uma recita de estudantes em Vianna do Castello, até á vespera da sua morte, porque Furtado foi mais do que actor, foi mestre da arte dramatica, e em todos os seus segredos, que ensaiando, quer escrevendo, tocando, e até desenhando. A propria doença não conseguiu sombrear-lhe sequer, no cerebro, esse ideal, e já alquebrado, quando o phisico entra n'uma lucia cruel com o espirito, sempre claro até um mez antes da morte, elle trabalhava ainda dia a dia, minuto a minuto, para o theatro. Por isso, os dez ultimos annos da sua vida representam o mais extraordinario esforço de vontade, e porque a contrariedade de uma doença sempre perseguidora, os deixara na sombra, é que nos lembramos, ao prestar esta homenagem devida a um artista como Furtado, de os fazer reviver em todas as suas peripetias curiosas e em todas os seus mais pequenos detalhes. Para isso recorremos á memoria de quem foi a sua companheira unica e inseparavel, n'uma dedicacão que não é já d'este tempo. Encontramola ainda na mesma casa onde Furtado expirou, uma casa terrea, desagasalhada e fria, vazia de conforto e de moveis, uma d'estas casas em que o frio parece entrar mais sem cerimonia do que n'essas tristes noites de inverno.

Foi pouco mais ou menos, ha dez annos, que Furtado teve o primeiro ataque que lhe paralysoo todo um lado. Era então ensauador do *Apollo*, ganhava um conto de réis mensal, e vivia no quarto de um dos melhores hoteis do Rio, essa vida de *grand seigneur* que elle só, forçado, dispensou depois. A sua companheira conhecia de nome; haviam-l'ho apresentado uma vez em Paris, como o mais distincto actor portuguez, e nunca mais o viu. Atravessando um corredor do hotel, viu meio aberta a porta de um quarto, onde havia um hospede doente. Disseram-lhe quem era esse hospede, e ella foi encontrar Furtado, abatido pela doença e pela velhice, completamente desamparado. Desde esse dia nunca mais o abandonou. Tem o que seja de romantico e ao mesmo tempo de bom este acto. Bourget encontraria talvez n'elle mais algumas paginas de psychologia, nós preferimos encaral-o apenas como elle se nos apresenta, pelo lado generoso, bom e nobre.

A ultima peça que representou foi uma comedia sua, n'um acto, escripta expressamente para quando já não podia andar. Intitulava-se *Crime honroso* simples dialogo dramatico entre um velho pae, um almirante paralytico, e sua filha, de 18 annos. Acto todo de *à lacer*. Furtado enchia por completo a scena, sentando n'uma cadeira de bracos, *dizendo* apenas. Nem um gesto sequer, mas foi tal a commoção communicada ao publico pela forma emocionante como elle dialogou,



O ultimo retrato de Furtado Coelho



Furtado no Padre Amaro

que a peça teve um successo, não devido por certo ao seu valor litterario.

Antes d'essa comedia, e já depois de doente, Furtado organisou ainda uma pequena *troupe* para percorrer algumas cidades brasileiras de segunda ordem. Durante a primeira viagem, a primeira actriz desapareceu com um actor, e a *troupe* sem a sua primeira estrella, encontrava-se em serios embarços. Furtado pensava, tristonho, no caso, quando ao fim de meia hora de silencio, olha para a sua companheira, fita-a muito, mira-a dos pés á cabeça, e n'um rasgo de decisão, como quem tem medo que a ideia lhe fuja do cerebro, exclama:

— Só tu me podes salvar!

— Como?

— Representando comigo o *Leão branco*.

Calcule-se a surpresa d'este alvitre, sabendo-se que Miss Lina Roy não falava senão inglez, seu idioma natal, e francez, na conversação com Furtado. Objectou-se-lhe essa circumstancia, mas Furtado não conhecia difficuldades. Insistiu, teimou, pediu e obteve o assentimento. Mas n'este caso, se a vontade vale de muito, não é o bastante. De um dia para o outro, Furtado fez uma traducção do *Leão branco*, para que a sua novel actriz comprehendesse o caracter da personagem e a sua situação na peça, e depois, em quatro dias, de pela manhã á noite, uma por uma, phrases e palavras, ditas e reditas, explicadas na sua pronuncia, na sua significação, e repetidas até ficarem de memoria, seguiram-se os ensaios e ao sexto dia representava-se a peça, e o publico considerava a actriz improvisada como uma esperanza prometteadora do theatro brasileiro. Furtado venciu mais uma vez, com o seu trabalho e os esforços extraordinarios da sua vontade e do seu talento.

— A meio do segundo acto, cantava nos a actriz, cedendo de vez ao estado horrivel de nervosismo em que me encontrava, sem ponto que me auxiliasse a memoria, (porque Furtado não admittia ponto,) senti-me desfalecer, e gritei para o lado ao contraregra que fizesse baixar o panno. Furtado, que estava em scena, empalideceu e, quando acabou a tirada, dirigiu-se para mim, segredando-me: *muilo bem, eu muito bem!* Não podia ser, é claro, a phrase era *o tour e um truc*, mas foi tal a impressão que ella produziu em mim, era tal — para que negar-lh'o? — a influencia que o espirito d'esse homem tinha no meu, que, não sei como explicar-lh'o ainda hoje, continuei a representar, e a peça foi até ao fim...

— E o seu portuguez tambem, porque já hoje o fala correctamente...

— Não tanto, mas se tivesse ouvido o meu portuguez do *Leão branco*, então é que se havia de admirar.

Depois, Furtado, entre o primeiro e o segundo ataque de paralyasia, representou ainda o *Garoto de Lisboa*, *Dalila*, *Justiça e Supplicio de uma mulher*, mas a doença era cruel, porque ao passo que lhe deixava livre o cerebro, apoderaava-se inteiramente do corpo e o grande artista passava então a vida, sentado, em frente de uma mesa, a escrever e a desenharr.

— A desenharr?

O plano completo do theatro nacional que se pensou construir no Rio de Janeiro, plano commendado pelo governo de accordo com a municipalidade. Vimol-o todo. Os croquis e as plantas do seu traço! O plano era gigantesco... A sua memoria que era grande, e ao conhecimento que elle tinha dos melhores theatros da Europa, foi buscar o que de melhor encontrára em cada um d'elles: sala imensa, inclinando

escadas de ferro para salvamento em caso de sinistro; fachada interior simples e elegante; e ao lado uma pequena casa de habitação lançada com gosto aprimorado, casa para elle, a quem estava promettida a direcção e exploração do theatro. Todos esses desenhos, que são de uma nitidez que faria inveja ao melhor desenhador, quiz

Furtado Coelho há dez annos

elle trazer para Lisboa, porque a idéa do theatro fóra posta de parte. Antes d'isso, quando podia ainda sair, resolveu-se a ensinar prosodia, e o novel professor não faltavam discipulos que pouco depois teve de abandonar, por ser trabalho superior ás suas forças phisicas. Tres peças ineditas deixou: um drama *Diada de honra*, uma comedia em tres actos *Todos engrasadores*, e uma magica *Óra ou a fada do Guarabara*, que pensou fazer representar com musica de um maestro brasileiro, o sr. Luiz Moreira. O romance occupou-o tambem nos seus ultimos tempos; deixou impressos *Lucia*, que publicou em folhetins no jornal o *Paiz*, e *Paizão de Luxo*, cuja edição não chegou a pôr á venda. Deixou uma machina para sortimento de loterias, de cujo invento tem um *brevet* tirado em Paris.

A musica foi tambem uma das phases da sua paixão artistica. Sentado ao piano, ia pouco a pouco arrancando das suas notas composições que ahí estão impressas. As duas ultimas foram uma valsa *Lucia* e um nocturno *A tardinha*. O seu piano! Tambem tem historia, esse piano que o acompanhára sempre no Brasil, e que elle depois de doente teve de vender para acudir a urgentes necessidades.

— Chorava, chorava como uma criança, n'esse dia. Foi a unica vez que o vi succumbir ao reveses da fortuna.

— E o copophone?

— Esse está ainda no Brasil, em casa de um amigo d'elle. Não o quiz vender. A partida, offereceram-lhe 300800 réis, mas Furtado recusou-os...

— E está inteiro?

— Faltam-lhe alguns copos, mas ainda assim, uma vez por outra, conseguia tocar n'elle alguma coisa...

N'elle, n'esse copophone que constituiu em Londres, uma novidade artistica quando lá o apresentou e que em Lisboa foi o encanto dos nossos ouvidos!

Morreu, quasi não pensando na morte. Exhausto de recursos e sem poder trabalhar, teve de recorrer á generosidade de amigos que nunca o abandonaram. Um d'elles, dos sinceros e dedicados, o sr. Visconde de Avellar, lembrou-se de lhe organizar uma subscrição que lhe desse os meios ou de regressar a Portugal ou de estabelecer, com a sua companheira, uma *Pensão* no Rio. Furtado preferiu vir para Lisboa.

— Quero que os meus ossos fiquem juntos aos de meus paes.

E veio. Chegou em maio, e depois de curta passagem por um hotel de Lisboa, foi para Pedrouços. Ahí teve ainda a felicidade de encontrar, no senhorio da casa para onde foi habitar,

um amigo generoso e sempre dedicado. A sua memoria era lucida, o seu cerebro trabalhava sempre mas estava deveras cansado. Era por assim dizer uma machina gasta, ao fim de tanto labutar, e, por maiores diligencias que empregasse, essa machina negava-lhe exteriormente o esforço que d'ella requeria. Há anno e meio, quando o *Adamastor* esteve em aguas brasileiras, houve um grande festival offerecido ao sr. conselheiro Ferreira do Amaral, em favor dos cofres das *Sociedades Naveas de Beneficencia*; Furtado quiz dar o seu concurso a essa obra de caridade. Fez dizer que recitava uma poesia. Alguem len, escolheu uma, e tentou decorar, mas o cerebro nada retinha já. Teimou, enrouceu-se, enfurceu-se e cahiu prostrado, chorando. Passadas algumas horas, chamou a sua companheira, pediu-lhe que fosse escrevendo e disse então este soneto que elle se propunha recitar na tal noite, e adorneceu.

Protege, ó Deus, o Luso Adamastor!

FRANCIS

PORTUGAL e BRASIL!... São pai e filho
Portugal para sempre em doce enleio!
De Tejo ao Guanabara ardente anseio
Abraça os dois paizes n'um só abraço!

Das cordas d'esta lyra, que desfilho,
Veem vultos, que me dão bom forte estro,
Aem vultos, que se exalta em devanço...
Por tanto amor, tal gloria e tanto trabalho!

Idez partil, ó Luso navegantes!
E, convosco levando o nomez amor,
Saudades lavareis d'estes instantes?...

Oh! bem que leveis! Dia-m'o patrio ardor
Ao Ceu v'os implorar bençãos constantes,
Que velam pelo nosso Adamastor!

Quando accordou, não se lembrava de um só verso. Apesar d'isso quiz ir ao theatro recital-os. Encostado a um braço amigo, appareceu no palco — que havia tanto tempo não pisava!... A impressão dolorosa do seu apparecimento, o publico rompeu n'uma manifestação entusiastica, emmoctando-o por tal fórma que teve de retirar-se chorando...

Ainda d'esta vez a sorte o protegeu. Chorou de alegria, vendendo-lhe querido do seu publico. Não teve de chorar de desespero, por esquecer a sua poesia!



Furtado Coelho quando casou



Furtado Coelho aos 40 annos



A guerra na Africa Austral

III

NADA tem por enquanto melhorado a situação da Inglaterra, no conflito travado há mais de quatro meses no extremo meridional do continente africano.

O maior erro por ella committido, erro em que é já muitas vezes reincidente, foi o de attribuir aos seus antagonistas menos importancia do que elles realmente merecem, aventurando-se assim de animo leve, e sem preparativos convenientes em uma lucta armada fortissimamente.

Já em 1878, sendo commissario regio na colonia do Cabo da Boa Esperança o grande homem que se chamava Sir Bartle Frere, ordenou elle a Lord Chelmsford, general commandante em chefe das forças imperiaes na Africa austral, que fizesse a guerra ao rei dos Zulus, o qual se havia, pela sua poderosa organisação militar, pela sua attitude arrogante e sedecia de sangue e pela sua vicinhança da colonia do Natal, tornado inimico e mesmo perigoso.

Toda essa campanha, que foi iniciada apenas com os recursos existentes nas colonias do Cabo e do Natal, e que consistia, segundo o plano geral de operações, em fazer a invasão do país dos Zulus por cinco pontos diversos da sua fronteira, com cinco pequenos corpos de exercito, convergindo todos para a capital real em Umtata, proximoamente no centro do país, essa campanha em que as forças nada conheciam do país em que iam operar sem dos seus recursos, e nenhuma relação podiam ter entre si durante a sua marcha arrojadissima, foi, na sua primeira parte, muito ruinosa para as armas britannicas, tudo por falta de previsão e por se ignorarem as verdadeiras forças do inimigo contra quem se a combater.

A breve trezta a columna do commando do proprio general em chefe foi surpreendida pelos Zulus, em Isandivana, ficando sacrificado, quasi na totalidade do seu effectivo, o bravo regimento 2.^o. E os Zulus, ensorbedidos com tão assignalada victoria, chegaram a cusar a invasão da colonia do Natal tentando atravessar o Tugela no van de Borkie, onde havia apenas um deposito de mantimentos e um hospital de sangues; e se não fosse a defeza heroica que d'esse ponto fizeram os bravos tenentes Chard e Bromhead, apenas com 87 homens contra 5000 negros, durante uma noite cruel, a colonia do Natal teria sido invadida e devastada.

A campanha ficou, *ipso facto*, malograda pela hecatombe de Isandivana; algumas das columnas já muito internadas em país inimigo, ficaram isoladas e com as communicações cortadas, excepto aquellas noticias que podiam trazer para a capital real em Umtata, por exemplo, onde havia chegado o coronel Pearson com 600 homens, tiveram estes de esperar encerrados durante alguns mezes, em trincheirados á pressa, em lucta constante contra hordas aguerriadas, e passando privaçoes de todo o genero, conservando contudo alta a forma moral que n'elles era alimentada pela promessa de reforços que lhes era transmittida da margem direita do Tugela, a uma distancia de 21 milhas, por meio dos clancos dos espelhos.

A verdadeira causa das reverses d'esta primeira parte da campanha dos Zulus, foi, como dissemos, o ter-se iniciado esta sem se conhecer ao certo a força do exercito inimigo, sem se conhecer o país em que se a operar, sem que houvesse um servico bem organizado de informaçoes, e sem que houvesse um corpo de exercito sufficientemente numeroso para fazer face a tão complexas difficuldades.

Outro exemplo. Em 1880, durante a dominação britannica no Transvaal, mas quando os Boers haviam já expugnado todos os meios baxianos para diligienciarem, em vão, que lhes fosse restituída a sua independencia, e quando todo fado o poder que teria uma tal explosão armada de patriotismo insubmisso, quando a bandeira d'essa revolta fosse levantada por homens convictos como eram Paulo Kruger, Piet Jonbert e Pretorius, que constituiram o triumvirato que tomou a si o governo do país e que proclamou a sua independencia na grande assembleia publica de Paarde Kraal. O coronel Layton, surpreendido com a noticia da independencia, ficou cercado em Pretoria, o caso do regimento que estava de guarnição em Leydenburg e que fôra chamado a toda a pressa para Pretoria foi destruido em caminho pelos Boers, ficando assim impossibilitado qualquer contra-movimento da parte da autoridade britannica no Transvaal.

O general Sir George Colley, governador de Natal, onde existia o mais proximo nucleo de forças imperiaes a oppôr á revolução dos Boers, mobilizou logo as poucas tropas de que podia dispor e marchou em direcção ao Transvaal por Ladysmith e Newcastle. Mas os Boers, que esperavam já esse lance, desceram as serranias dos Drakenberg, e vieram esperar muito habilmente os seus



J. T. Phillips

inimigos nos logares estrategicamente mais convenientes, onde lhes inclinava os tres momentos derrotas de Laing's Neck, Ingogo e Majuba, á ultima das quaes, em fevereiro de 1881, se seguiu um armistício e a paz com o reconhecimento da independencia do Transvaal.

D'esta vez ainda, o que perdeu o illudido coronel Layton e o que illudiu e perdeu o general Colley que lá deixou a reputação e a vida em Majuba, é a completa ignorancia por parte de todos as autoridades britannicas da Africa Austral do verdadeiro esforço patriótico dos Boers, das suas altas qualidades civicas, da sua organisação e instrução militar, da quantidade e qualidade dos seus armamentos e depositos de muniçoes, da sua extraordinaria facilidade de mobilisação, da sua sobriedade que os faz dispensar quasi de todo o servico do administração tão embarracoso nos pesados exercitos europeus, etc, etc.

Pois parece que a experiencia de nada tem servido e nada tem ensinado á nação que assim pretende lá da parte septentrional da velha Europa avassallar todos os paizes da Africa meridional. Dezanove annos volvidos sobre os acontecimentos de Majuba, essa poderosa nação com a sua perfeitura e effizca organisação administrativa colonial, com o seu proverbial bom senso pratico, e que nos mesmos antigos erros e arrasta o seu prestigio, como ultimamente temos tido occasião de a admirar, a lances verdadeiramente inqualificaveis e tribuissimos.

Dizia o citado commissario regio Sir Bartle Frere ao auctor d'estas linhas em 1879 no seu palacio do Cabo, que a Africa do Sul estava sendo o convulso de muitas reputaçoes custosamente adquiridas em feitos anteriores. E se elle assim pensava há 21 annos, o que diria hoje em vista do que tem succedido nos actuaes brilhantes generaes ingleses que só tem encontrado derrotas no decurso não longo da actual campanha!

Vejamos agora outra feição da actual guerra, desfavoravel para os Inglozes, mas em que elles não poderiam ter culpa pois que tiveram de aceitar o combate onde estes lhes foram offerecidos pelos Boers agéis, astutos, conhecedores do terreno e perfeitamente familiarizados com a sua natureza espantosamente accidentada.

A guerra actual pode e deve ser dividida em duas campanhas distinctas e independentes, exigindo cada uma d'ellas um corpo de exercito separado e com uma acção dirigida especial; a campanha que se trava na colonia do Cabo, ao Sul e a Weste da republica de Orange nos distritos de Coleberg e dos Griquias occidentales; e a campanha que se debate no territorio da colonia do Natal no triangulo formado pelo rio Tugela ao Sul, pela fronteira de Orange a Weste e pelas do Transvaal e paiz dos Zulus a Este.

E certo que as forças que operam na colonia do Cabo tem encontrado grandes difficuldades, taes como os cercos das praças de Kimberley e Mafeking, os combates infelizes nas margens do Modder, e em Maggerfontein e n'outros pontos; mas se isso é assim em um país cortado por varias linhas de caminho de ferro ainda em poder dos Inglozes, e mantendo estes as communicações com as bases na costa que são a cidade do Cabo, porto Elisabeth e East London calcula-se pelo que vamos expôr o que deverá ser a campanha no Natal onde as difficuldades naturaes são consideravelmente mais temerosas. N'essa colonia de Natal existe apenas uma base de operações que é o mais porto de Durban e uma unica linha de ferro a qual de Ladysmith para o Norte está completamente em paiz já conquistado pelos Boers e entalada entre os dois lados do tal triangulo que são fronteiras das duas republicas inimigas.

Alem d'isso, e muito peor do que tudo isso, temos a orographia do país que é tão que se pode succinar de mais arripado e accidentado. Bastará dizer que as serranias dos Drakenberg que formam uma parte da fronteira commum do Natal com a republica de Orange e com o paiz dos Basutos, são as mais elevadas montanhas de toda a Africa Austral. Não longe ao Poente de Coleman existem os altissimos pinnacos de mais de 3.000 metros de altitude, onde teem suas origens o Tugela que corre para a costa Oriental, o rio Orange e o rio Wilge afluente do Vaal que seguem para a



O duque de Devonshire

zias presumir que elles viriam a pegar em armas, sem o governador do país, coronel Layton, nem o seu chefe de estado maior, coronel Bellairs, poderam avaliar o poder que teria uma tal explosão armada de patriotismo insubmisso, quando a bandeira d'essa revolta fosse levantada por homens convictos como eram Paulo Kruger, Piet Jonbert e Pretorius, que constituiram o triumvirato que tomou a si o governo do país e que proclamou a sua independencia na grande assembleia publica de Paarde Kraal. O coronel Layton, surpreendido com a noticia da independencia, ficou cercado em Pretoria, o caso do regimento que estava de guarnição em Leydenburg e que fôra chamado a toda a pressa para Pretoria foi destruido em caminho pelos Boers, ficando assim impossibilitado qualquer contra-movimento da parte da autoridade britannica no Transvaal.

O general Sir George Colley, governador de Natal, onde existia o mais proximo nucleo de forças imperiaes a oppôr á revolução dos Boers, mobilizou logo as poucas tropas de que podia dispor e marchou em direcção ao Transvaal por Ladysmith e Newcastle. Mas os Boers, que esperavam já esse lance, desceram as serranias dos Drakenberg, e vieram esperar muito habilmente os seus



Lord Lansdowne



Field-marshal Lord Roberts



1.º Jacob Waimaran, fallecido em julho de 1899

2.º William Reitz, secretario de Estado — 3.º Dehak Burger — 4.º Hermann Kack, ferido em Elandlaagte e morto das suas feridas

5.º Petrus Joubert, general em chefe, vice-presidente da Republica

6.º Paulo Krüger, presidente da Republica. — 7.º Arnald Cronje, superintendente dos indigenas

costa Occidental. Imagine-se pois como esse país deverá ser difficil para marchas de exercitos com pesadas bagagens, artilheria e trens de munições, erigido de cabeços quasi a prumo muitos dos quaes os Boers tem fortificado inexpugnavelmente, e isto no tempo dos grandes calores e das chuvas torrencias, e quando os dias abazam e as noites são frigidissimas.

Está demonstrado pela maneira como os acontecimentos se tem desenrolado desde o inicio das hostilidades, que os Ingleses não tinham preparado plano algum de ataque. Foram os Boers quem deu ao desenvolvimento da campanha a fôrça que quizeram ou que as condições estratergicas do país lhes aconselharam ser preferivel, e foram elles portanto quem foi dispozo dos diversos incidentes da lucta.

Assentaram primeiro que seria inconveniente por todos os princípios, contentar que as tropas britannicas chegassem a penetrar em territorio transvaaliano; e como conheciam bem o grande valor dos contrarfortes dos Drakenberg que se despenham em degraus collossaes desde os altos cumes até ao leito escabroso do rio Buffalo alluente do Tugela, como conheciam já por experiencia valiosissima o que eram os desfiladeiros de Laing'snek e do Ingogo entre essas encruas penedias, vieram occupar-se para defenderem por ali a entrada do seu paiz; mas vendo que os Ingleses não appareciam ainda, foram gradualmente descendo para o Sul até encontrarem as forças do general White a quem cortaram a retirada e que ficaram cercadas em Ladysmith.

Os Boers entenderam, e entenderam muito bem, que tendo inevitavel a lucta pelas armas melhor era escolherem terreno apropriado para a qualidade de guerra que elles costumam fazer; e como o territorio do Transval para alem dos Drakenberg é relativamente plano e aberto, e offereceria vantagens a tropas regulares europeias, vieram os Boers esperar essas tropas em terreno irregular, quebrado de sulcos profundos, cheio de outeiros escavados e onde elles com o seu systema de emboscadas, e abrigados pelas rochas teriam e tem realmente tido decidida vantagem.

O paiz está praticamente conquistado desde o vertice do triangulo até ao Tugela, porque mesmo o dominio britannico em Ladysmith é meramente nominal; e os esforços empregados pelo general Sir Redvers Buller para atravessar o rio e ir libertar a guarnição de Ladysmith tem sido todos mal succedidos e convertidos em outras tantas catastrophes.

O governo britannico não costuma ser precipitado nas suas deliberações e exonerar um general logo á primeira derrota que soffra em uma campanha.

Na guerra dos Zulus em 1878, depois da terrota do general Lord Chelmsford em Isandlwana, que como vimos atraz mallogrou temporariamente a marcha d'aquelle campanha enquanto não chegassem novos reforços ao theatro das operações, o governo não substituiu aquelle general infeliz ou imprevidente; pelo contrario: mandou-lhe todos os reforços que elle pediu e deu-lhe encargo para desfazer o reves que tinha soffrido. Esses reforços chegaram e o general Lord Chelmsford apresentou-se em Ulundi e venceu o exercito do Rei dos Zulus em uma brilhantissima batalha campal que decidiu da sorte d'aquelle paiz.

Pensa aquelle governo que um general que soffreu uma derrota aprende com essa experiencia, e está mais no caso de se desforçar do que um que vê a derrota porque tem em jogo e em foco, alem da causa do seu paiz, o seu amor proprio e o brio pessoal que o estimulam.

Hoje os tempos estão muito mudados, ou talvez a opinião publica esteja mais exigente, aguçada como ella está com o mau exito das operações militares até agora. O general White que commandara as forças todas em Natal, mas teve a infelicidade de se deixar cercar em Ladysmith com o seu magnifico corpo de exercito, foi substituido no commando superior de todas as tropas pelo general Sir Redvers Buller, homem com grande experiencia de guerras africanas e muito popular no exercito. Mas apenas esse general soffreu tambem alguns reveses no Tugela, foi logo mandado o marechal Lord Roberts a maior celebridade da Grã-Bretanha, levando por chefe do seu estado maior Lord Kitchner, antigo Sirdar no Egypto, aurobor de uma fulgurante repatagem pela maneira como conseguiu vingar a morte do general Gordon em Kartoum.

Não quiz talvez o governo britannico meditar completamente o amor proprio do general Sir Redvers Buller; mas não é improvavel que este general, que em coronel revelara excellentes predicações militares na guerra contra os Zulus com 22 annos menos, se mostre agora cansado e sem facilidades superiores para um commando tão vasto. O que é certo tambem, é que tendo a campanha da Africa Austral tomado gradualmente um collossal e imprevisivel incremento, e exigido mais de um centro de acção poderoso, pode bem ser a final de contas que o general Buller continue a commandar superiormente na colonia de Natal, e que ao general Roberts esteja assignada missão muito mais alta no conjunto das duas colonias invadidas.

Quanto a nós os Boers são um inimigo bem mais para temer do que os guerranos da Zalandia, os Derwiches do Sudão ou os Afghans de Candahar. E' necessario pois um bem concertado plano de acção, e é necessario ter os elementos para poder pô-lo em pratica. Quaes sejam os planos do marechal ninguem ainda ao certo parece saber e embora elle esteja na colonia do Cabo ha mais de um mez. Por outro lado vemos o general Buller proseguindo teimosamente em novos ataques sobre as posições fortes que constituem o vigoroso cerco de Ladysmith, sem que pareça que taes movimentos sejam superiormente determinados quem está de fora e só pode fazer juizo sobre as deficientes e pouco críveis noticias dos periodicos, parece que cada general faz um pouco o que lhe vem á cabeça, e que a acção dirigida do marechal generalissimo se não faz muito sentir nos diversos acampamentos.

16, fevereiro, 1900.

AUGUSTO DE CASTILHO.



Duvidas

Corações mortos, que não heis vivido!
Almas errantes pelo espaço fóra!
Olhos pisados onde a magoa chora!
Vasto infortunio pelo chão caído!

Suspiros, ais, de muito peito qu'rido!
Nuvens escuras que escondeis a Aurora,
Tristeza vária que imperaes agora,
Germens do Bem por entre nós perdido!

Ah! Quando eu penso em cousas taes, e vejo
O insaciado, o collossal Desejo,
Que d'isso tudo eternamente vem,

Tremo e pergunto á Consciencia, a Deus,
Se acaso são presentimentos meus,
Ou se a final não é feliz Ninguem!...

AFONSO VARGAS.

CANTIGA HUNGARA

Das minhas trinta e tres amanzas
Apenas tres me não trahiram;
Mas d'essas tres, sempre constantes,
Duas por fim tambem partiram.

D'amor eterno, alto modelo,
Foi uma só, das trinta e tres;
Mas essa, em paga do seu zelo,
Sou eu que a engano muita vez...

ANTONIO FELD



General lord Kitchener



A festa DO Brasil-Portugal

DE cordeal sympathia e de penhorante consagração foi a festa que no dia 12 de Fevereiro ultimo se realizou no *Avenida Palace* em homenagem a um dos directores do *Brasil-Portugal*.

E, para que as nossas palavras não possam ser tomadas á conta de exaggero ou excessivo desvanecimento, abstermos-nos de dar o *compte-rendu* do banquete em honra de Lorjô Tavares — limitando-nos a reproduzir em uma das nossas paginas

supplementares a descripção fiel que no dia immediato appareceu no *Diario de Noticias* de Lisboa.

O que não podemos deixar de accentuar n'este momento é que a nota dominante d'essa festa foi a cordialidade de relações entre Portugal e o Brasil e o desejo e o voto de todos para que cada vez mais se apertem e estreitem os laços de fraterna solidariedade entre ambos.

Muitas vezes no calor entusiastico dos brindes foi citada a benemerita colonia portugueza que, espalhada por todo o territorio brasileiro, sente n'uma intensidade proporcional á distancia, tanto as glorias como as amarguras da patria ausente.

E seria injustiça calar o desvanecimento que pessoalmente nos sensibilisa ao reconhecermos que, pela acceitação que teve em todo o Brasil a nossa Revista, pelo acolhimento excepcional que lá lhe foi feito, pelas sympathias que, a começar pelo nobre Presidente da Republica, todos portavam em dispensar-lhe, o *Brasil-Portugal* era mais um penhor d'essa alliança, um impulso na corrente d'essa sympathia. E não é para nós menos honroso nem menos agradavel que formulassem esta opinião e emittissem este voto homens illustres como aquelles que ali representavam as mais respeitadas classes sociais. Ou fosse acclamada pela bocca de Augusto de Castilho a grande nação brasileira, ou o consel geral do Brasil brindasse a Portugal e á real familia portugueza, ou a imprensa brasileira fosse invocada e enaltecida na palavra eloquente do sr. bispo de Trajanopolis, ou o sr. conselheiro Mattoso dos Santos exaltasse em palavras calorosas o engrandecimento do povo brasileiro, ou Lorjô Tavares procurasse accentuar com intimo reconhecimento a gratidão que devia a quantos no Brasil tinham contribuido para o exito da sua util propaganda, ou o representante n'esta cidade do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, sr. José Antonio de Freitas, ao brindar ao jornalismo portuguez fizesse a apologia da imprensa, ou o sr. Ramalho Ortigão, respondendo a Jayme Victor, que n'elle brindava os artistas e colaboradores do *Brasil-Portugal*, corresse com a sua adhesão, com o seu applauso, os esforços que temos empregado para dotar o paiz com a sua melhor illustração, ou na palavra quente do sr. visconde de S. Boaventura ressaltasse o elogio aos honrados portuguezes que vivem no Brasil e o de Raphael Bordallo Pinheiro que tão alto representava ali a arte nacional, ou o feito humanitario praticado por Augusto de Castilho nas aguas do Rio de Janeiro fosse posto em relevo na phrase sincera e fremente do sr. dr. Miguel Bombarda, ou enfim não saíssem senão palavras de incitamento e de estímulo dos labios de tantos outros oradores que foram a essa festa levar-nos com a sua adhesão mais um incentivo á obra a que nos propoemos, o que é certo, o que é positivo, o que nos enche o coração de jubilo, é que a nota dominante d'essa festa sympathica foi o intimo desejo de todos de que dia a dia se mantenham mais cordaeas as relações entre portuguezes e brasileiros.

Pela parte que nos toca, cada vez nos esforcaremos mais em cumprir o nosso programma e corresponder á espectativa publica.

O numero extraordinario do *Brasil-Portugal*, que nos primeiros dias de abril vamos offerecer como brinde aos nossos assignantes, provará mais uma vez o proposito que nos anima. E' a nossa fórma de contribuir para a celebração do descobrimento do Brasil. E' a homenagem que prestamos ao feito de um grande portuguez e para a qual generosamente accudiram ao nosso appello, em avultado numero, artistas e escriptores que honram por egual os dois paizes.

Mas não pára aqui a nossa homenagem.

O *Brasil-Portugal* vae ter representantes seus, que ainda este mez sairão de Lisboa, nas grandiosas festas com que o Brasil solemnisa a data do seu descobrimento.



João Ventura Ferreira



Se as caras são espelhos das almas, a que hoje reproduzimos ahí está a afirmar o que seja este homem que, pela sua tenacidade, pelo seu trabalho, pela sua honradez e intelligencia, logrou impôr-se á estima e consideração da colonia portugueza do Pará. A biographia de João Ventura Ferreira traça-se em poucas palavras. Perdendo seu pae, creança ainda, partiu do Porto, onde nascera, para o alto Amazonas, aos 14 annos, e com um grande montão de aspirações no cerebro. O seu espirito aventureiro levou-o para essas regiões afastadas, todas cheias de lendas e de mysterios. E ahí, n'esse solo abençoado, e na santa ambição que o guiára, caminhou a direito na rampa da vida, lutando, e vencendo por fim. Mais tarde, lançados os allicerces do seu futuro, tornou a descer o grande rio do Norte do Brasil e veiu fixar-se no Pará, onde o seu renome e provada capacidade desde logo o impuzeram. João Ventura Ferreira faz parte hoje da importantissima firma Montenegro, Ferreira & C., é presidente da companhia de

seguros Lealdade, e presidente interino da Garantia da Amazonia, poderosa companhia de seguros de vida.

Que estas poucas palavras de justicia a este caracter recto cheguem a ser lidas pela velhinha que lhe deu o ser e que no Douro o espera com os braços tremulos bem abertos.



Entre as flôres

A' memoria de M. L. d'A. P.

..... les anges chantaient: — «L'arche à toi
se dévoie, »
«Suis-nous: sur ton beau front nous metrons
une étoile
«Prends les ailes d'azur des chérubins.....

V. Hico.

Voaste á patria tua! o teu futuro
Suspende-o já a mão da Divindade,
E cerca-o da celeste claridade,
Que dá aos cherubins logar seguro.

Mas como fogê á tarde, e sem piedade,
Do sol deslumbrador o raio puro,
E a terra deixa envolta em manto escuro,
Assim deixaste a noite da saudade!

Mas como a flôr mímosa, desprendida,
Que o ar inda embalsama, que embalsama
O sopro — que a matou — da inverniã,

Assim perfumas tu, ó flôr querida,
Assim, anjo do ceu, lúcida chamma,
Perfumas o teu lar e a campã fria!

Caride, 14 de Fevereiro de 1900.

MARIA JOSÉ ALVAREÃO PACHECO.



A taça offerecida ao Ministro das Obras Publicas

O que ha mais a admirar na taça que um grupo de lavradores offereceu ao sr. ministro das obras publicas, em reconhecimento pelos serviços prestados por elle á agricultura, é sem duvida alguma a nitidez dos relevos que se notam nas suas tres principaes faces, scenas arrancadas de improvisto á lavoura manual, á industria do vinho, ao amanho das terras. Relevos que são um encanto artistico, tão primorosamente reproduzidos em prata pela industria nacional. E, fóra o seu valor artistico, a taça tem ainda o valor moral, pelo que representa de agradecimento ao ministro, e ainda o valor intrinseco... o do seu peso.

N'este trio de qualidades, a offerta dos agricultores e lavradores ao sr. conselheiro Elvino de Brito representa uma obra artistica digna de figurar entre os acontecimentos salientes d'estes ultimos dias.



NOTAS DA QUINZENA

Não ha memoria de uma quinzena que, como esta, tão tumultuariamente principiasse, para chegar ao seu termo tão boncheonicamente. Ella abriu no momento em que o Presidente da Camara dos Deputados resolvia fechar a sessão d'esse dia, no meio de uma tremenda saravada de objurgatorias e improperios, cahindo, com o estrondo de algum velho cêco que desabasse, em pleno seio da Representação Nacional. A's primeiras bategas, que um vento rijo soprou das bancadas da minoria regeneradora, tendo o Sr. João Arroyo assumido subitamente a attitude de um verdadeiro pé de vento, com grande pasmo de quem o vira, até então, manter-se *à-delta* do governo n'um delicado pé de alheres, ainda o illustre Presidente quiz, contemporisando, abrir o guarda-chuva do regulamento, para debaixo d'elle abrigar, paternalmente, os animos irrequietos dos dois lados da Camara. A tempestade, porém, attingira o seu auge, e S. Ex.^a achou-se impotente, em face da furia desencadeada dos elementos parlamentares. Então, o Sr. Presidente ergueu o indicador, como um pára-raios, e fechou o guarda-chuva. — queriamos dizer: e fechou a sessão.

Do relato, que depois fizeram nos jornaes, os *reporters* que se achavam nas visinhanças do campo da discussão, mais uma vez se poude deprender ser bem certo que quem se expõe á chuva é quem se molha. E citaram-se os nomes de alguns deputados que sahiram d'aquella borrasca sem um fio enxuto no corpo. Disse-se mesmo que outros, como o Sr. Ressano Garcia, tinham apanhado, com essa molha, uma forte constipação; mas tão frescos, e tão desempenados appareceram elles na Avenida, pelas cinco horas da tarde, como se nada fosse, que mais uma vez se confirmou a suspeita, em que todos vivemos, de que a percentagem de verdade sobre as mentiras que diariamente são attribuidas aos jornaes, é uma percentagem muito limitada...

O que não soffre contestação foi o resultado das eleições do Porto, das quaes sahiram tres deputados republicanos, e dos quaes não cremos que proveinha maior damno para o chamado «decoro parlamentar», em vista dos acontecimentos que, alguns dias antes, tão profundamente o haviam abalado, não sem um certo e justificado gaudio do publico das galerias.

E deixa andar! Corra o marfim!... como se diz na peça de Feydeau, que o nosso Eduardo Garrido com tanto chiste trouxe ao theatro portuguez, chamando-lhe a *Lagarlixia*.

Um dos muitos e pittorescos achados que transbordam d'esta comedia, a qual está tendo um exito extraordinario de franca gargalhada, é o d'aquella cadeira extatica onde quem se senta, e quem se aproxima de quem n'ella se sentou, fica sujeito a um curioso phenomeno de paralysis geral. Bordallo Pinheiro aproveitou este caso para uma das suas mais espirituosas paginas, adaptando-lhe esta idéa, que está no animo de todos nós, como a verdade está no fundo de um poço: todo o homem, que ao cabo de alguma grande luta politica, chega a ver-se sentado nas cadeiras do poder, irresistivelmente é levado a pôr de parte o programma de governo com que até lá subira, e consigo arrasta a esse estado de paralysis geral os outros seis homens que, com elle, constituem de ordinario o gabinete.

Se o phenomeno, bastante curioso, ainda não tivesse sido explicado, continuaria agora sem explicação, a despeito das declarações, que, a proposito das ultimas eleições do Porto, respectivamente fizeram, no *Popular*, no *Tempo*, e nas *Novidades*, o Sr. Marianno de Carvalho, o Sr. José Dias Ferreira e o Sr. Emygdio Navarro. Cada um d'estes sagazes conselheiros da corôa honorarios se serviu do ensejo, que a victoria de uma lista republicana lhes proporcionava, para lembrar a El-Rei velhos servicos prestados, procurando cada qual, muito naturalmente, e segundo a lei da luta pela vida codificada por Darwin, atirar para os hombros do visinho todo o odioso de culpas que lhe pesavam no proprio cartorio. Para quem procurou descobrir, na leitura d'esses artigos, as razões occultas de quem os escreveu, o caso tornou-se tão patuêco, e tão risonho por fim, como quando n'uma das ultimas revistas de Jacobety, ao tempo em que a censura se deixava correr livremente, sem que d'ahi viesse maior mal ao mundo, apparecia, precisamente esses tres articulistas dando-se as mãos, cantando certo *refrain* que começava assim:

Qual de nós terá mais rouha...

E para quem quizesse arredondar, em meia duzia de *couplets*, com musica alegre, as instancias do *Popular* perguntando ás *Novidades* o que ellas pensavam da situação dos espiritos no Porto; a resposta das *Novidades* fugindo, airosamente, como se costuma dizer, com o posterior á seringa; e, finalmente, o *Tempo*, esfregando as mãos de contente por ver os dois assim mettidos á bulha — o effeito comico seria — palavra d'honra! — o mesmo...

As revistas do anno, como eram as de Jacobety, e tantas outras, de Antonio de Menezes e de Sousa Bastos, ficaram falta ao riso de Lisboa, e até agora não appareceu auctor que podêsse descobrir, n'esse mesmo genero de theatro desopilante, a maneira nova de contentar, a um tempo, o publico e a policia, *tout le monde et son père*. Não foi mais feliz que as outras, n'este ponto, a revista de 1899 que, no palco do Real Colyseu, vimos agora, apesar de ter o Sr. Alberto Bessa coordenado para ella, e com exito, muitas scenas e quadros de revistas do velho molde. O rôtuol, porém, salvou a mercadoria: *Rebenta a bexiga!* está sendo, n'este momento, uma expressão popular profundamente suggestiva, e d'ella tirou o auctor um bom partido.

A semelhança d'aquelle eminente pensador que, em um congresso realiado ha tempos representava Portugal, e dizia: — que no fundo da consciencia humana existira sempre o principio da arbitragem internacional — nós poderemos dizer que, no fundo da consciencia popular, existiu sempre esta idéa de rebentar a bexiga. O que agora algum fez foi encontrar-lhe a fórmula. De uma maneira ou de outra, mais por aqui ou mais por ali, e cada qual como pôde, todos nós pensamos, mais ou menos, em a rebentar.

Só não rebenta a bexiga quem não pôde!

Quem não pôde, ou quem não quer, como o Sr. Magalhães Lima, por exemplo, a quem n'um d'estes dias ouvimos a bella, mais bem platonica conferencia, com que a Liga Portuguesa da Paz iniciou a propaganda amavel dos seus principios de liberdade e justiça, procurando preparar o espirito publico para o advento de uma nova era de concordia e de irmandade humana — como quem diz: o ideal, na terra, das confrarias do Santissimo.

E' preciso substituir a hostilidade que divide os homens — disse o illustre conferente — pela harmonia, de que a propria natureza nos offerece o melhor exemplo... E' preciso oppôr á absorção, synonymo de violencia e de conquista, a adaptação, que é uma lei dos organismos...

Ditas pela boca de quem sabe dizer estas coisas como poucos, tão boas palavras eram, necessariamente, de molde a calar no animo do seu fello auditorio, onde abundavam senhoras. E assim aconteceu. Com essa conferencia, o Sr. Magalhães Lima levantou a Liga á sua devida altura... sem sombra de calembur, que seria indisciplavel, tratando-se, como de facto se trata, de uma liga de senhoras. *Hout soit qui mal y pense!*

Mal se haviam extinguido ainda na grande sala da Sociedade de Geographia os ultimos accordes d'essa conferencia que, já pelo pensamento, já pela exposição, tinha sido uma verdadeira musica, e já um outro concerto inaugurava, n'aquelle mesmo recinto, a serie annual dos que promove a Real Academia dos Amadores de Musica, tendo este a novidade, muito interessante, de servir para a estreia do Sr. André Goni, como director da orchestra e como violonista *«solo»*. Tão distincto se mostrou em ambas as phases o applaudido maestro, que, com franqueza, hevos um momento durante o desempenho orchestral, tão equilibrado e colorido, em que, não conseguindo nós fugir á idéa associada do local, nos encontramos perplexos sobre o que mais admirar: se a proficiência com que o Sr. Goni ensaiara a orchestra dos socios da Academia, se a habilidade com que o Sr. Luciano Cordeiro encaminhava, n'esse mesmo momento, a eleição dos corpos gerentes da sua Sociedade. Só alguns dias depois, os factos vieram provar que os amadores de musica foram muito mais submissos á batuta do seu novo regente, do que os membros da Sociedade de Geographia o foram aos bons desejos do seu secretario perpetuo. Como maestro, o Sr. Goni ficou, definitivamente, em fóce; como galopim, o Sr. Luciano Cordeiro ficou, temporariamente, em chéque.

ALFREDO MESQUITA.



Conselheiro

Luiz Vianna

Governador da Bahia



O conselheiro Luiz Vianna é um dos homens que nos últimos annos mais se tem posto em evidencia no vasto territorio do Brasil. O seu tacto politico e as suas grandes qualidades de administrador severo impõem-o á consideração dos proprios adversarios. A grande Republica

tem n'elle um dos seus mais tenazes servidores. Fiel ao seu programma e ás suas convicções politicas, tem sempre man-


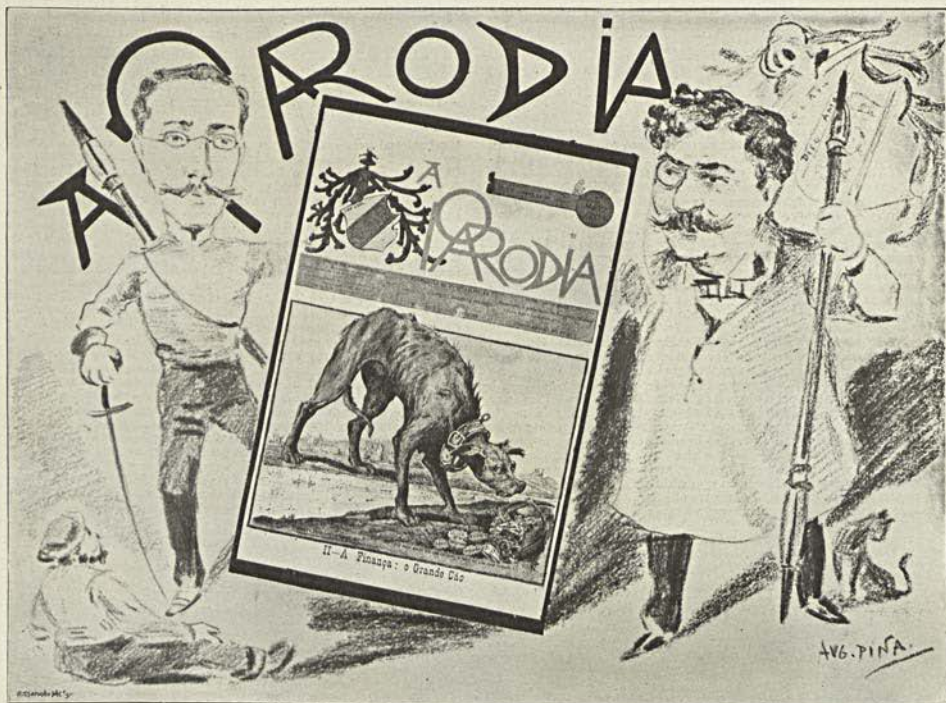
tido a mesma attitudo, revelando um pouco vulgar bom senso governativo e vistas de largo alcance para o desenvolvimento do seu paiz.

O conselheiro Luiz Vianna nasceu, em 46, em S. José do Riacho da Casa Nova, pequena villa das margens do rio S. Francisco. Concluidos os preparatorios na Bahia, partiu para Pernambuco, onde, em 60, se formou em direito. Foi promotor na comarca de Chique-Chique até 74, anno em que passou para a de S. Francisco como juiz de direito, e de ali transferido para Vião, no Rio Grande do Sul, e mais tarde para a da Matta de S. João. Em todos estes pontos o conselheiro Luiz Vianna deixou fundas sympathias conquistadas por esse principio inalteravel de justiça que presidia aos seus actos.

Pouco depois de proclamada a Republica, em 90, foi nomeado, mercê de seu alto merecimento e serviços, juiz seccional do Estado da Bahia, onde um anno depois o elevaram ao cargo de presidente do Senado constituinte. Dois annos depois era presidente do Tribunal Superior de Appellação. Era por essa epoca chefe do partido republicano federal — chefia que ninguem disputou, tantas provas déra de hombridade, intelligencia e competencia.

Data de maio de 90 a sua elevação ao cargo espinhoso de governador do importante Estado da Bahia. Acertada foi essa escolha, como o atestam os melhoramentos a que tem dado impulso, e o estado de thesouro publico.

Como homem de estado a sua reputação está já solidamente firmada. Como homem de sociedade, o conselheiro Luiz Vianna impõe-se á sympathia e estima pela sua affabilidade, esmerada educação e vastos conhecimentos.


 Galeria da Imprensa


THEATROS



Abundaram na ultima quinzena as novidades, o que nos obrigará a restringir-lhes, na estreiteza de espaço que fatalmente somos obrigados, a merecida referencia a uma simples nota de impressões.

Começando, como de uso, por

S. Carlos,

ahi tivemos, após os sensacionais serões do *Barbeiro e Puritanos*, um

outro bello requinte de emoção artistica, mercê da representação da moderna opera *Fedora*. E bem caracterisadamente moderna, com effeito: a começar na estrutura e forma do *libretto*, que o auctor, Arthur Colantti, libertou quanto possível das peias convencionaes da rima, do abuso da estrophe artificialmente organizada ao sabor das fluctuações da phantasia do *maestro*; até á ausencia, quasi absoluta, de cores, e ao modo racional, humano, logico, por que Giordano soube conduzir sempre o desdobramento melodico da *partitura*.

Poucas operas terão, como esta, logo á primeira audição, captivado tão decidida e empolgativamente o agrado do nosso publico. Primeiro, — porque, em toda a opera, a limpidez da factura, a espontaneidade da inspiração, e a clareza de forma da composição, tornam facilmente apprehensivel, e de modo impõem ao nosso espirito desprevenido, o seu *facies* artistico, o seu grande merito dramatico e orchestral. Depois, — porque a propriedade, o *meio*, o caracter foram escrupulosamente observados, ligam-se intimamente com a acção, que vestem e completam, abundando em toda a opera curiosos trechos bordados sobre *motivos* musicas russos, como, logo na abertura do primeiro acto, o dialogo dos *familiares* de *Wladimiro*.

A phrase amorosa do *preludio*, que reaparece por vèzes, formando como que a *tesitura* moral da *partitura*;

o dialogo dos *familiares*, no 1.º acto, o desenvolvimento orchestral que o segue, a phrase do juramento da princeza, e o grande descriptivo, cortado de clamores de desespero, do final, são outros tantos trechos de limpida inspiração e da mais bem acabada sciencia musical. No 2.º acto, são admiraveis de interpretação e de effeito, a surprehendente scena entre *Fedora* e *Loris*, acompanhada apenas pelo piano, tão simples, como cheio de contrastes; depois, o novo *duetto* entre os mesmos, e que é o trecho capital da opera pela elegancia, pelo colorido, pela vehemencia sentimental; e, no final, aquella *crucendo* da orchestra, que se impõe de uma maneira absoluta. O 3.º acto, passado no Tyrol, mantem-se na mesma selectiva altura de sciencia e inspiração, dos dois anteriores.

Em resumo, a *Fedora* agradou extraordinariamente. O *naípe* das vozes accentua, com a possível precisão e propriedade, o violento jogo de paixões que no decurso do drama se desdobram; e a orchestração, muito rica na variedade dos timbres, colorida sem ser estrí-

dula, opulenta sem confusão, e detalhada sem moileza, constitue uma das mais felizes, acabadas e perfectas obras de musica moderna, podendo, talvez, com vantagem formar ao lado das ultimas operas de Massenet. E' justo acrescentar que

para este ruidoso exito da *Fedora* contribuiu em boa parte o desempenho, mormente no que toca a *Belincione* e *De Lucia*, primorosos deveras, como actores e como cantores, muito para ver e applaudir.

Passando do theatro lyrico para o nosso theatro normal de declamação,

D. Maria,



Augusta Cordeiro

DO THEATRO DE D. MARIA

ahi temos agora, pela primeira vèz, representada uma peça de Henri Lavedan. O facto, quando ahi se annunciou, causou estranheza e pôz calafrios de terror em não poucos espiritos de caturras *pur-sang*, cuja tacanha intransigencia não admite que, em arte, se vá além da pautada semsaboria classica na dramalogia official. E provinha o facto do imperfeito conhecimento da feição litteraria, tão profunda e complexa, de Lavedan, que uma erudição superficial apresentou ao indignado espanto do burguez como o audacioso e immorral auctor apenas de *Nouveau Jeu* e *Vieux Marcheur*. Ora Henri Lavedan é mais, muito mais do que isso: é um subtilissimo psychologo e um admiravel observador. Tem geniaes lampejos de intuição; faz, pela alma humana dentro, excavações maravilhosas.

A. Filon, no seu recente livro, *De Dumas a Rostand*, compara Lavedan a Augier, — na maneira como apresenta, define e explica as personagens, no fio moralizador da acção, no modo de comprehender

e medir a virtude, por um estalão sempre maior que o natural. E elle é, com effeito, uma especie de Augier, sim, mas um Augier subtilisado... a quem houvessem dotado com um novo e transcendente *illumínismo*, com portenozas faculdades de observação e analyse, 50 annos mais de torturada e dolorosa experiencia d'esta tediosa obrigação de viver.

Assim como na libertagem do espirito, na factura audaciosa das suas peças parisienses, Lavedan se avantajou muito á frivolidade galante de Henri Meilhac, — o seu antecessor no mesmo *fauteuil* da Academia, — tambem no naturalismo, na dissecação, ao mesmo tempo bondosa e implacavel, d'esta dissolvente vida moderna, a potente vi-



Virginia — Maia — Carlos Santos — Ferreira da Silva — Emilia Lopes
Scena do 4.º acto da *Catherine* (THEATRO DE D. MARIA)

sionação do seu espirito alcança muito além dos objectivos, em certo modo pautados e convencionaes, da litteratura franceza de meados do ultimo seculo. E, sendo elle assim, como realmente é, um dos primeiros vultos litterarios do seu paiz e do seu tempo, sobrada razão havia para o fazer representar entre nós.

A peça escolhida, *Catherine*, é um primor de simplicidade e observação. A traducção é correctissima; resente-se porém de não ser feita

por um homem do *metier*; falta-lhe a vibração nervosa, uma ou outra nota viva, animada, artística, o corte imprevisível d'uma phrase, o torneio elegante d'um dialogo, para cortarem uma certa impressão de monotonia, que, no 1.º acto por exemplo, chega a pesar demasiado no espectador. Mas triumpham de tudo as valentes qualidades intrinsecas da peça.

O desempenho, especialmente por parte de Virginia, Ferreira da Silva, Santos, Mara e Augusta Cordeiro, é muito bom.

Estamos, porém, no Carnaval, e nota nenhuma appareceria, em nossos theatros, afinando com a *loqué* animação do tempo, senão fôra o

D. Amélia

com a sua desopilante e endiabrada *Lagartixa*. Que chistosissima, que preciosissima peça! Como tudo aquillo é impetuoso, fresco, arrogante, essencialmente parisiense! Havia muito ahi quem, antes da primeira representação, lhe temesse as escabrosidades. Mas quê?... depois do exito, que todos ahi viram teve o repertorio da Bejane e Granier?... Não percebemos. Os desvãos da vida galante, os *cancans* de rua, os *fru-frus* de *boulevard* podem, devem muito bem, ter sua adequada figuração tambem no palco. E se o publico, que é o supremo censor, acode com interesse, e ri, e applaude, é porque essa figuração é logica, necessaria, util e corresponde a uma dada função social.

Não deixam mesmo de ser salutareis, de vez em quando, estes arranques libertarios em Arte, esta especie de galvanisação pelo escandalo, mórmente n'uma sociedade, como a nossa, timorata e hypocrita, que uma como que adynamia ancestral agora ameaça immobilisar de novo na fradesca somnolencia e na extatica inercia, causa essencial e maior do nosso atrazo e ruina.

Muito judiciosamente andou pois o theatro *D. Amélia* em pôr em scena a espirituosa traducção feita por Eduardo Garrido á *Dame chez Maxim's*, a qual tem atrahido ao theatro enchentes successivas. O desempenho, que aliás requer qualidades, em geral, inferiores aos recursos da companhia, é magnifico, devendo especialisar-se, mesmo pela importancia que tem na peça, o extraordinario relêvo, desenvoltura e *entrain* que á interpretação da protagonista deu Angela Pinto.

E' uma actriz de admiraveis, de possantissimas aptidões, inconteavelmente; apezar de que o seu desempenho nos fez algumas vezes recordar, mórmente no 1.º acto, que os *boulevards* parisienses distam um pouquinho da Mouraria. Do desempenho de Augusto Rosa, Falco, João Rosa, Setta, Pinheiro, Anna Pereira, Alves, Bayard, etc., basta dizer-lhes os nomes.

E falta-nos registrar o grande acontecimento artistico d'esta se-



A. Rosa — Pinheiro — Alves — Angela Pinto
Cena do 3.º acto da *Lagartixa* (THEATRO DE D. AMELIA)

mana, o qual é, ao mesmo tempo, um dos nossos maiores *successos* theatraes, na presente epoca: — a primeira representação d'A *Viagem de Suzette* no theatro da

Avenida

Ora aqui tem o leitor uma peça reunindo, — raro condão! — aquellos ommidos predicaos que o bom *Telmo Paes*, do Garrett, achava nos *Lusitadas*:

— *Livro para damas e cavalheiros, e para todos!*

Tambem é para todos esta afortunada, esta pittoresca, esta formosissima *Viagem*. Sabiamente architectada e disposta, n'um *erectado* de interesse, de acto para acto: bordada sobre um entredo puramente sentimental; ornada de deliciosissima musica; profusamente recamada de toda a sorte de visualidades, mutações e *deslumbra*mentos, não haverá ahi ninguém que não corra a ir vê-la, desde os velhos, que a alegria espumante dos coros e bailados etherisará, na saudosa recordação de passados gosos, até ás creanças, que aquellas phantasticas decorações arrebatam, povoando-lhes de canicos e de luz a santa pureza dos seus sonhos.

O desempenho é de primeira ordem tambem. Pepa, a adoravel *Suzette*, é sempre a graciosissima e peculante artista, d'uma linha tão elegante, d'uma tão *edine* e insinuativa expressão, com o mesmo gesto ondulado e rhythmic, com a mesma voz acariaciadora e quente, que tão sensivelmente falta estava fazendo no nosso theatro; Alfredo de Carvalho é impagavel de chiste, a cada passo melhorando e completando, como de costume, com a sua impagavel veia comica o grotesco personagem que figura. Analogamente Cinira, Elvira Mendes, Maria Pinto, Pedro Cabral, Joaquim Ferreira, Caetano Reis, etc.

O scenario, — de Eduardo Machado, Augusto Pina, Luiz Salvador e Ascensão, — é todo elle um encanto de propriedade, riqueza e cor. O mesmo diremos do guarda-roupa e adereços, mórmente dos fatos de Pepa e Cinira, que são obra d'esse fino e experimentado artista, esse verdadeiro *costumier-charmeur*, que é Carlos Cohen.

E será justo acrescentar que, na difficil faina da condigna montagem d'esta peça, muito se deve ao tacto, diligencia e zelo do director technico e do ensaiador do theatro, os srs. Pedro Cabral e Salvador Marques.



Pedro Cabral Alfredo de Carvalho — Pepa
Cena final do 1.º acto da *Viagem de Suzette*

Elvira Mendes — Caetano Reis
(THEATRO DA AVENIDA)

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Imprensa

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 56

Páginas suplementares: Off. Estêvão Nunes & F.ª

Rua d'Assumpção, 18 a 24

Romance: Typographia Castanhão

Colação de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENA ILUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua Irena, 32

LISBOA

Endereço telegraphico—BRATOGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$000	Anno.....	6\$000	6\$000
6 mezes.....	2\$500	6 mezes.....	3\$500	4\$500
3 mezes.....	1\$500	3 mezes.....	2\$000	3\$000
Numero avulso.....	350	Numero avulso.....	150	500

SUMMARY

Chronica — a resurreição d'uma industria—Ramalho Ortigão.

Exposição de Paris-D. Luiz de Castro,

João Moreira da Costa.

Barbosa Vienna.

Parlido Coelho.

a guerra na Africa Austral—Augusto de Castilho.

Duvidas—Versos de Afonso Vargas,

Canção hungara—Versos de Antonio Feljô,

João Ventura Ferreira.

A festa do BRASIL—PORTUGAL.

Notas da quinzena—Alfredo Mesquita,

Luiz Vienna.

Theatros—Abel Botelho.

Paginas supplementares

O banquete de Lorjô Tavares.

Cartões.

Horas d'ocio—F. A. de Mattos.

GABETA DA QUINZENA

28 ILUSTRAÇÕES

LORJÔ TAVARES

Foi uma brilhante homenagem a que a empresa do *Brasil-Portugal*, representada pelo sr. conselheiro Augusto de Castilho, prestou a um dos directores d'esta revista, o nosso presidissimo amigo e collega Lorjô Tavares.

No banquete da Avenida Palace viam-se representadas todas as classes sociais, o alto clero, a litteratura, a sciencia, o exercito de mar e terra, as artes, o commercio, a industria, etc.

Foi servida na sala principal do hotel, cuja mesa, em ferradura, estava vistosamente decorada, vendo-se no topo as bandeiras portugueza e brasileira, entre festões de verdura e flores.

Como se sabe, Lorjô Tavares regressou ha pouco do Brasil, onde foi em missão de pro paganda da nossa revista cuja existencia, apesar de curta, tem sido brilhantissima, e n'aquelle paiz

deixou firmados os creditos e assegurado o exito do *Brasil-Portugal*.

Justissima era portanto a homenagem que a empresa d'esta revista entendeu dever prestar-lhe e a qual se associaram grande numero dos nossos collaboradores.

Além dos directores do *Brasil-Portugal*, srs. conselheiro Augusto de Castilho e Jayme Victor, assistiram ao banquete os srs.: Bispo de Trajanopolis, marquez de Franco, Vieira da Silva, coronel Alves, José de Mello, Pinto de Carvalho, Arnaldo Fonseca, Ramalho Ortigão, Pires Marinho, Alfredo Mesquita, Marceas Ferreira, Moura Cabral, Alfredo Gallis, Augusto Pina, Abel Botelho, Celso Herminio, dr. Sampaio, Lopes de Mendonça, Nogueira Pinto, Maranhães Lima, José Antonio de Freitas, Raphael Bordalo, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Silva Lisboa, visconde de S. Boaventura, Adriaõ de Seixas, Antonio Julio Machado, dr. Bombarda, Mattoso Santos, Alvaro Pinheiro Chagas, Vasconcellos Correia, dr. Augusto de Vasconcellos, dr. Alfredo da Cunha e Brito Aranha.

Occuparam os logares de honra os srs. conselheiro Augusto de Castilho, que dava a direita a Lorjô Tavares e a esquerda no sr. conal geral do Brasil, seguindo-se a direita, o sr. bispo de Trajanopolis e marquez de Franco, e a esquerda os srs. Ramalho Ortigão e Bordallo Pinheiro.

Na frente, o sr. Jayme Victor, tendo á direita o sr. Brito Aranha, como decano e presidente da Associação dos Jornalistas de Lisboa, e á esquerda o sr. José Antonio de Freitas, collaborador e correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

Os brindes foram numerosos e entusiasticos, começando pelo do sr. conselheiro Castilho a Lorjô Tavares, de quem teceu o elogio e cujas qualidades de trabalho e intelligencia enalteceu. Agradeceu Lorjô Tavares, brindando o Brasil e mostrando-se reconhecidissimo á maneira como o trataram os brasileiros e os portuguezes residentes n'aquelle paiz.

Respondeu-lhe o sr. Vieira da Silva, brindando a Portugal, patria de seu pae e da seus filhos.

O sr. conselheiro Mattoso Santos encrenecou a cordialidade das relações entre Brasil e Portugal, fazendo votos porque ellas ainda mais se estreitassem.

O sr. Jayme Victor brindou ao sr. Ramalho

Ortigão, que tão altos serriços tem prestado á litteratura portugueza e que é um penhor da prosperidade para a revista a que presta a sua collaboração.

Agradeceu-lhe em termos homericos o sr. Ramalho Ortigão, a quem se seguiu o sr. bispo de Trajanopolis, que brindou á imprensa portugueza na pessoa do seu decano o sr. Brito Aranha, accentuando a importancia do jornalismo e a sua alta missão social.

Lorjô Tavares brindou á imprensa brasileira, no que foi secundado pelo nosso collega Brito Aranha, que agradeceu as palavras do sr. bispo de Trajanopolis.

O sr. José Antonio de Freitas agradeceu os brindes dirigidos á imprensa brasileira e alludindo á missão do jornalismo considerou este o mais forte elemento para se conseguir a união e a pacificação dos povos.

O sr. coronel Alves brindou á esposa de Lorjô Tavares; o sr. visconde de S. Boaventura aos portuguezes residentes no Brasil, em tudo solidarios, quer nas alegrias quer nas tristezas, com os seus irmãos da velha metropole; o sr. conselheiro Mattoso Santos despropriedades do *Brasil-Portugal* e ao exercito de mar e terra; o sr. Alfredo Mesquita, em um brinde espirituoso; a Lorjô Tavares, em nome dos collaboradores mais modernos d'esta revista; o sr. bispo de Trajanopolis ao secretario do *Brasil-Portugal*, sr. Alvaro Pinheiro Chagas, herdeiro de um nome glorioso; o sr. Alfredo Gallis, como antigo secretario da redacção da nossa revista a Jayme Victor, que tão devotadamente ficou substituindo Lorjô Tavares quando este se ausentou de Portugal; o sr. visconde de S. Boaventura ao generalissimo da arte, o sr. Raphael Bordallo, visto já se ter brindado ao generalissimo da litteratura portugueza, Ramalho Ortigão; Jayme Victor, aos lentes da escola medica presentes; o sr. dr. Bombarda ao conselheiro Castilho, o heroe que nas aguas brasileiras tão alto levantou o nome portuguez, praticando a maior facanha dos ultimos 30 annos em Portugal; o sr. conselheiro Castilho ao sr. Campos Salles, presidente da republica do Brasil; Lorjô Tavares ao sr. marquez de Franco; este titular aos tres directores d'esta revista; o sr. Abel Botelho a el-rei; e finalmente, o sr. Vieira da Silva a toda a familia real portugueza. O banquete terminou ás 10 e meia horas da noite.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria — Dá espectáculos nos dias 6, 8, 10, 11, 13 e 15, com a *Catharina*, a deliciosa peça de Lavedan, que o sr. Teixeira Machado traduziu brilhantemente.

D. Amelia — Vae dando espectáculos com a *Lagarixia*, e faz muito bem, porque todas as noites tem enchentes à cubita.

Como, porém, o fim da epocha se aproxima, vê-se forçada a empreza a suspender no dia 14 as recitas da *Lagarixia* para dar lugar à *première* do novo drama de Julio Bantas, *Veristo Tragico*, em 5 actos.

A distribuição dos papéis é a seguinte:

<i>O Rio (prologo)</i>	A. Rosa.
<i>Bras Garcia Mascarenhas</i>	E. Brazão.
<i>D. Sancho Manoel, deputado</i>	A. Rosa.
<i>Comde de Villa-Flor</i>	J. Rosa.
<i>Marcos Garcia</i>	A. Antunes.
<i>Bristo</i>	A. Pinheiro.
<i>Sau-Vilo</i>	L. Pinto.
<i>Gil Barroca</i>	H. Alves.
<i>Mem Rosado</i>	

<i>Vasco Oleiro</i>	J. Gil.
1. ^o pastor	A. Santos.
2. ^o "	C. Oliveira.
3. ^o "	A. Gabral.
4. ^o "	N. N.
<i>Martim Ruivo</i>	G. Bayard.
<i>O clerigo do montante</i>	Setta da Silva.
<i>Um amigo de Bras Garcia</i>	F. Lagos.
1. ^o velho	C. O'Sulivand.
2. ^o "	Massat.
3. ^o "	A. Pedro.
1. ^o rufo	A. Oliveira.
2. ^o "	Silva.
3. ^o "	Salles.
<i>Um moço</i>	Salles.
<i>Um sargento</i>	Polydoro.
<i>Maria</i>	Rosa Damasceno.
<i>Bergrit, adida</i>	Anna Pereira.
<i>Helena Madeira</i>	Carolina Falco.
<i>Magdalena, pastora</i>	Maria Falcão.
<i>Catharina</i>	Amelia Pereira.
<i>Luiça</i>	Elvira Santos.
<i>Mana Bejerra</i>	Jesujna Saraiva.
<i>Mana Branca Gil</i>	Amelia O'Sulivand.
1. ^o cigana	Maria Falcão.
2. ^o "	Amelia Pereira.
3. ^o "	Palmira Torres.

dado, como: *As aguas de S. Chrispin*, o *Sala Pocinhas*, o *Desapparecido*, etc., etc.

No dia 17 sobre a scena em beneficio da actriz Josepha d'Oliveira, a comedia em 3 actos, *O Terra Nova*, original de Alexandre Bisson, traducção de João de Freitas Branco.

A distribuição dos papéis é a seguinte:

<i>Bruniquel</i>	Marcellino Franco.
<i>Corbinet</i>	Julio Soller.
<i>Labermol</i>	Cardoso.
<i>Soutain</i>	Ferreira.
<i>Madame Bruniquel</i>	Barbara.
<i>Angelina Planetof</i>	Josepha d'Oliveira.
<i>Clemencia</i>	Adelia.
<i>Carlota</i>	Virginia Farrusca.
<i>Marietta</i>	Silveria.

Principe Real — Os espectáculos d'este theatro ate ao dia 14, constarão de peças queridas do publico, taes como a *Morgadilha de Val-Flor*, *Diabo Louro*, etc., etc.

No noite de 14, realisa-se a *première* do drama em 5 actos, *Noites da India*.

O desempenho d'esta peça este confiado aos seguintes artistas: Pato Moniz, Torres, Machado, Ferreira, Peixoto, Mendonça, Frederico, Ferreira, Rosa d'Oliveira, Maria das Dores, Julia Assumpção, Eliza Aragonês.

As *Notas da India*, é um drama notabilissimo, que por certo ha-de alcançar um enorme successo. Vae em beneficio do sr. Luiz Ruas, emprezario do theatro.

Avenida — É inutil dizer que os espectáculos de toda a quinzena, serão preenchidos pela *Viagem de Suzette*, a engrandadissima peça que tem dado enchentes colossaes ao theatro.

Trindade — Enchentes sobre enchentes, e o publico sempre em alegre corropio para a bibliotheca d'este theatro, onde até ao dia 16 continuarão as suas carreiras triumphaes as afamadas peças *Alli... à presa*, *Relogio Maçico* e *Hotel do Livre Cambio*, dignas de se verem um milhão de vezes sem causarem tedio, taes são os seus requisitos de scenario, guarda-roupa e ditos cheios de fino espirito.

Gymnasio — Até ao dia 16 vae dando espectáculos com as peças que mais tem agra-

Casa de liquidações
Rua Marechal Deodoro, 6-A
Manoás
PROPRIETARIO
Francisco Lusas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não precisa de reclamações, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para o comercio de calçados, camisas, meias, gravatas, etc.
* Depozito permanente de bebidas nacionaes, charrutos e goiabada superior.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doengas da bocca, collocado de dentes e correção das deformidades maxillares. Consultorio de 1.^o ordem á
RUA DO CARMO, 35, 1.^o
(CEFLADO)

CASA BANCARIA
FONSECAS, SANTOS & VIANNA
SUCSUCRAL NO PORTO
PINTO DA FONSEGA & IRMÃO
139, RUA DAS FLORES, 139

Agencia: Francisco Latorre Vianna, Carlos Ferreira dos Santos Silva, Joaquim Pinto da Fonseca Junior, Manuel Pinto da Fonseca e Francisco da Silva Vianna.
Toma e fornece saques, e dá cartas de credito sobre as principaes cidades e villas de *Respanha, França, Italia, Inglaterra, Alemanha e do paiz*.
Compra e vende fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções e obrigações e *Compagnias*.
Recaba e presta em esma corrente a juro convencional á vista ou a prazo.
Toma letras, fornece saques, cartas de credito e ordens telegraphicas sobre:
Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Pará e Manoás.
Effectua operações de transigencia sobre as principaes terras do Reino.



PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE

Constantino d'Almeida



Fabrica Confiança

R. CUNHA & C.^a

148, RUA DE SANTA CATHARINA, 155

PORTO

Grande e apreciada exportação para os Estados Unidos do Brasil e Africa

*De camisas, ceroulas e todos os artigos
de roupa branca para homens, senhoras e creanças*

Sortido completo e permanente

Execução rapida e apurimorada de qualquer encomenda

E' a maior e mais notavel fabrica de roupas
brancas da peninsula

Premiada com medallas de ouro nas exposições a que tem concorrido

Endereço telegraphico—CONFIANÇA

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro—218

PELOTAS—Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cosinha

É preciso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as princi-
pales mercearias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

285, Rua dos Fanqueiros—LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a—R. da Prata, 284 a 288, Lisboa
Jeronymo Martins & F.^{os}—R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Afonso Viana & C.^a—Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos—R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.^a—R. S. Julião, 52 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima—R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10—RUA DA PRATA—12

— LISBOA —

CONSULTAS

Das 8 da manhã
ás 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

CONSULTAS

Gratis aos pobres
Das 11 ás 12

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Especialista no tratamento de doenças de bocca e doz maxillares

Rua da Palma, 40, 1.^o

New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes
a este ramo de negocio

Importação directa

*Recebem generos pelos vapores frigorificos,
de Southampton e Rio da Prata*

COELHO, DIAS & C.^a

RUA DO OUVIDOR, 37

RIO DE JANEIRO

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica

e
Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANCA

Especialidade
em cordas para violão,
rabecas e violas

Endereço telegraphico

Mendes

Caixa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaisquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARÁ

LA BÉCARRE**F. CARNEIRO & C.^A****PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escritorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermittentes, bexigas, typho, dysenteria, bérberi e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saude pelos meios hygienicos, e antisépticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem munir-se de alguns vidrinhos, do **Elixir anti-epidemico Beirão**, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saude: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saude tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do **Elixir anti-epidemico Beirão** estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, bérberi e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.^A

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ

Ao Bazar da Industria**TAVEIRA BARBOZA & C.^A**

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escritorio, papelarias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão. Itinerários, Caixas de musica. Roupas feitas, portuarias, brinquedos, Camas de viagem, binóculos, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MUEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19**

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

ASSOCIAÇÃO

DOS

EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

(Exclusiva para o pessoal do commercio)

FUNDADA EM 1880

Sédo provisoria: Rua do Rosario, n.º 97

Sédo em construção: Rua de Gonçalves Dias, n.º 49

Capital social 900.000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actualmente um effectivo de 12.000 socios, todos do commercio—NEGOCIANTES, CAIXEIROS, GUARDA LIVROS, AJUDANTES, ETC.

É unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica mensalidade de 20.000 réis paga em trimestres.

O edificio em construção á Rua Gonçalves Dias estará concluido em 1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especialmente para o fim a que se destina, não terá igual na vasta Republica Brasileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administração compõe-se de negociantes, industrias, caixeiros, guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commercial

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se n'esta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclarecimentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multiplas vantagens garantidas.

**Agencia Financial**

DE

PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saquês sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.

UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira
Vice-presidente — José Marques Braga

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade
Medico — Dr. Luciano Castro

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A Ender. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros

Soares Irmão & C.ª

MATRIZ CASA HAVANEZA Rua da Installação, 7 Vendas por grosso	Importação directa de todas as praças Caixa postal n.º 42 Ender. teleg. HAVANEZA MANAOS	FILIAL O Bardeiro Elegante Rua Municipal, 26 Vendas a Varejo
--	--	--

Permanente deposito de charutos, cigarros
e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos
para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens
e em objectos para viagem. Especialistas em
roupa branca portugueza. Perfumarias.

VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

em

LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTICA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845



PORTO
REGISTRADA

MARCA DE COMERCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem
ser considerados genuinos e authenticos, quando
tiverem nos rotulos, capsulas, rolinhas, caixas ou cascos, a marca do
commercio registrada, de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

Sapataria Luso-Brazileira de Francisco d'Oliveira SUCCESSOR
Antigamente: Moreira & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL"

93, RUA DO OURO — LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

DO DR. MAUPERRIN SANTOS

MEDICOS DIRECTORES: J. Mauperrin Santos
e J. Silvestre d'Almeida.

Installação hydrotherapica completa, duas
salas de duchas para homens e mulheres, labora-
torio separado e independente, gabinete
sancto de electricidade e massagem.

Tratamento de doenças nervosas e de auto-
noma.

Aberto das 9 de 12 da manhã; 9 de 6 da tarde.

Entradas: C. do Duque, 20

C. DA GLORIA, 15 — LISBOA

A Sul-America

Companhia de seguros sobre a vida

Capital	5.000.000\$000
Reserva	2.000.000\$000
Receita annual	3.000.000\$000

A SUL-AMERICA

Succursas brasileiras

- Pará e Amazonas** — na Minas Musical, Gil Augusto de Novaes Rodrigues, representante.
- Maranhão** — Representantes: S. I. de José Pedro Ribeiro & C.ª; Casias, maior Odorico Simual de Moura.
- Piauhy** — Jonas Corrêa & C.ª, Parnahyba.
- Ceará** — Caixa 26, fortaleza, commendador Alfredo Garcia, representante.
- Rio Grande do Norte** — Odilon A. Garcia, Natal.
- Parahyba do Norte** — Lemos & C.ª
- Pernambuco** — R. Marquez d'Olinda, 36, Recife, Ildelfonso Simões, representante.
- Sergipe** — Luiz Schmidt, Maroim.
- Bahia** — Escritorio no edificio da Associação Commercial, representantes: F. A. Harselmann & C.ª
- Espirito Santo** — João Aprigio Aguirre, Victoria.
- Minas Geraes** — Arthur Carvalho do Nascimento, inspector, Jui de Fora.
- S. Paulo** — Escritorio, rua 15 de novembro, 34, Manuel C. Costa, inspector.
- Paraná** — Manuel de Miranda Rosa, representante geral, Curitiba.
- Santa Catharina** — Carl Hoepke & C.ª, Florianopolis.



- Rio Grande do Sul** — Rua dos Andradas, n.º 296, Porto Alegre, dr. Bento Cavalcanti, gerente.
- Goyaz** — Rua do Mercado, Goyas, Luiz Guedes de Amorim, representante.
- Mato Grosso** — Travessa Villas Boas, 8 A, Caetano Carlos Galvão, representante.

Succursas estrangeiras

- Republica Argentina** — Avenida de Mayo, 623, Buenos-Ayres, directores locais: dr. Carlos Navarro Lamarca e J. J. Dowson.
- Uruguay** — Zabala, 109, Montevidéo, Jorge Percy, gerente.
- Paraguay** — W. Harrison, representante, Assumpção.
- Peru** — Calle Coea, 70, Lima, directores locais: Augusto Lequia e Francisco Espinosa.
- Bolivia** — Calle Santo Domingos, 15, Cochabamba, Victor Crespo, representante.
- Equador** — Calle Aguirre, Guayaquil e Quito, L. de Nicolasa d'Alvarez, gerente.
- Europa** — Representantes e banqueiros
- Paris** — Le Avenue d'Iéna.
- Londres** — Goulon, Berthoud & C.ª, 41, Threadneedle Street.

COMPANHIA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

56, Rua do Ouvidor, 56

66, Rua da Quitanda, 66

RIO DE JANEIRO

A mais importante da America do Sul

A unica **Companhia Brasileira** que funciona em todas as Republicas d'este continente, e onde tem merecido a confiança do publico. Os balanços que *A Sul-America* publica annualmente com toda a pontualidade, demonstram que tem effectuado mais seguros e que offerece muito maiores garantias para cada conto de réis segurado, do que qualquer outra companhia.

A Sul-America espalhando profusamente seus riscos pelos diversos Estados da União Brasileira e Republica do continente Sul Americano, não está exposta aos desastrosos effeitos de epidemias, ou a excessiva mortalidade produzidas pelas molestias endemicas, como pôde succeder com as companhias que operam unicamente em certas e determinadas zonas.

A Sul-America é a unica companhia que emite apólices com amortisções semestreaes, systema pelo qual os seguros são remidos na razão de um por cento em cada semestre.

GRANDE FABRICA DE MOVEIS

Marceneria 1.º de Dezembro

Rua da Rosa, 168 — LISBOA

Telephone 883.

Reis Collares & C.ª

MARCENEIROS CONSTRUCTORES

Este importante estabelecimento, o primeiro do paiz n'este genero, tem sempre os seus vastos salões em **exposição permanente e franca ao publico**, magnificas mobílias para quartos de dormir, casas de jantar, escritorios, gabinetes, etc., das mais lindas e preciosas madeiras tanto nacionaes como estrangeiras, fabricadas sempre pelos mais modernos desenhos, assim como se encarrega de toda e qualquer encomenda por maior que seja a sua importancia, satisfazendo-a com a maxima pontualidade, tanto para o reino como para o

Brasil e Africa.

Especialidade em mobiliarios completos para casamentos

Os proprietarios d'este estabelecimento responsabilizam-se sempre em **QUALQUER EPOCHA** pela boa construçáo e acabamento dos seus artefactos,

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

A RESTAURAÇÃO

DE



Gonçalves & C.ª

MERCEARIA, BOTEQUIM e FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras; Importação directa; Commissões e consignações; Caixa postal, 100.

Instalação, 8 — Mafãos

Deposito de fogos para salto
Farrinha,
vinhos finos e communs

Aviã rãnhos para exportar
Interior do Estado

Barato
Realidade
Ver
e
Confrontar

ARMAZEM DE FAZENDAS
DO
ZÉ POVINHO
28, Largo de S. Domingos, 30
PORTO

Dirija-se ao
diabete nos
compradores
que julgam não
ter
feito boa compra
n'esta casa

O proprietario d'este estabelecimento continua a premissa publico em geral q' e não com-
pre nenhum artigo sem verem o mostruio do sortimento de preços baratos porque são vendidos
os existentes no seu estabelecimento Para as quaes se pedo toda a attenção. — JOSÉ
MARIA SIMÕES.

Consultorio Dentario **Saturio Augusto Paiva**
DOENÇAS DE BOCCA e DENTES Cirurgião dentista
pela Escola de Paris

80, 2.º — Rua de Santa Justa — 80, 2.º

Consultas gratis aos pobres, das 10 ás 11 da manhã

Este hotel tendo passado por
grandes reformas, dispõe de
excellentes accommodações
para familias e viajantes

Quartos para banhos
mornos e de chuva

ENCOMENDAS PARA FÓLA

Banquetes, al-
moços e janta-
res particu-
lares.



HOTEL DE FRANCE

Porto Alegre

270, RUA DOS ANDRADES, 270

João Pedro Bourdetet

PERFUMARIA FINA
Praça do D. Pedro, 101 — LISBOA

Recibos nova remessa de essencias finas
e modernas, para lenço e banho
PÓ DE AROZ, SABONETES ETC.

COMPANHIA DE EGROS
FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL, 1.344.000.000 réis

Em acções do capital nomin al de
1.000.000 réis, com entrada de
50.000 réis por acção, sendo a
responsabilidade permanente de ac-
cionistas, de 900.000 réis.

Effectua seguros terrestres e ma-
rítimos na sede e nas agencias.

L. do Corpo Santo, 13

LISBOA

Cesar A. Paiva

CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

Rua do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Cambios

Loterias

e

Papéis

de credito

de credito

de credito

de credito

de credito

de credito

de credito

de credito

de credito

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

Mala Real Portuguesa

ENDEREÇO TELEGRAPHICO Malareal

TELEPHONE N.º 880

Carreras regulares para o Brazil no fim de
cada mca para a Bahia, Rio de Janeiro e San-
tos, com escala pela Madeira.

Viajem rapida pelos excellentes paquetes
Malaga, Oliveira Cabral e Rei de Portugal.

Magnificas accommodações para passageiros
de todas as classes, grande salão, camarotes
com dous beliches, grandes camarotes para fa-
milias, salão para senhoras, casa de banho,
de fumar, frigoriferos, luz electrica, etc., etc.

Tratamento de primeira ordem.

Roga-se aos res. passageiros e carregadores o
obsequio de dirigirem os seus pedidos ao es-
criptorio da empresa.

LISBOA — Largo do Municipio, 7.º

NO PORTO

Para passageiros A. A. Henrique rua Ale-
xandre Herculanio, 354.

Para carga David José do Pinho, rua Nova
d'Alfandega, 20.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
 LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

CASA DE COMISSÕES

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.^o
 Importadores e Exportadores
DE GENEROS DE ESTIVA
 Endereço telegraphico — *Capital*

Rua do Amorim, 33 a 35 — **PERNAMBUCO**

Rouparia Central

DE

J. NUNES GODINHO

286, RUA DO OURO, 288 LISBOA

Casa especial em enxovaes sendo es-
 tes escolhidos pelas ultimas modas, por preços
 mais limitados do que em outro qualquer estabele-
 cimento, e muitas outras fazendas vindas directamente
 das melhores fabricas estrangeiras,



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 99 da Rua Nova do Almada
 tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as
 qualidades, assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de nove-
 dade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco
 dinheiro.

Nenhum viajante deve deixar de visitar este estabelecimento
 em Lisboa.

ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

ALEDO RUA CRIM 111, 1.º

LISBOA

Tem sempre em deposito
 grande e variado sortimento de
 fazendas de lã e seda proprias
 para todas as estações.

OFFICINA DE ENCADENAÇÃO

(ANEXA à LIVRARIA ACADEMICA)

De JOÃO LOURENÇO PEREIRA

47, TRAVESSA DE CEMITEIRA, 47

(Proximo à Rua da Conceição)

PORTO

Executa-se, com a maxima perfeição, todo o
 trabalho concernente a esta arte. Envernizam-se
 mapas, fazem-se carteiros, charuteiras,
 bilheteiras, pastas para medicina, etc.,
 etc., encarregando-se tambem dos respectivos
 bordados a ouro, malta, etc., para o que tem
 pessoas devidamente habilitadas.
 O proprietario da officina responsabilisa-se
 pela perfeição de todos os trabalhos que lhe se-
 ãm confiados.

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. Alda.

C. do Corrello 212

R. 15 de Noyembro, 16

PARÁ



Bobina central

Em machinas de costura é o que ha de mais
 maravilhoso.
 É propriedade exclusiva da importante e
 acreditada Companhia Fabril Singer.
 A machina **BOBINA CENTRAL** reúne as
 grandes qualidades essenciaes de velocidade,
 duração, formosura, perfeição e firmeza de
 ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO

105, Praça do Loreto, 107—LISBOA

Largo do Conde Barão, 36—Calçada da Graça, 10

111, Rua da Junqueira, 111

Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.^o

Sortimento completo em fendas
 e artigos de novidade: Chapéus, cal-
 çado fino, perfumarias, roupas feitas
 para senhoras, homens e crianças.

Caixa postal N.º 264

Rua da Instalação, 24

Manãos

OS MAIORES ATELIERS
 EUROPA
GRAVURA
 FABRICA DE CARIMBOS
 PAPELARIA
FREIRE-GRAVADOR
 OFFICINAS DE
TYPOGRAPHIA
 LITHOGRAPHIA
 ENCADENAÇÃO
 158, 156, RUA DO OURO, 158, 164,
 LISBOA (PORTUGAL)

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24—PARÁ

Serviço de primeira ordem. Accomodações luxuosas para viajantes.
 Aceiteo extremo. Iluminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

ENXOVAES

LOJA DA AMERICA
ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA
ROUPARIA BRANCA

LISBOA — 206, Rua do Ouro, 208 — Rua d'Assumpção, 92, a 96 — LISBOA

FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129
DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3
 TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautelas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

GRANDE DEPOSITO de livros em lingua algebra de arithmetica, artigos para presentas, quaseilherias, etc., etc.	LIVRARIA	PAPELARIA
	TIPOGRAPHIA	ENCADERNACAO

TAVARES GARDUO & L.

LIVRARIA UNIVERSAL

Casa fundada em 1859
PARA BNA IL
AGENTE
F. de Queirós & C.
Madrás

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300 Caixa Postal—84

GRANDE FABRICA DE CORAOS

Flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em diferentes exposições nacionaes e estrangeiras

T. Delpart Suze.^{es}

Rua Sá de Bandeira, 249
PORTO

Telegramas «VILLE-PORTO»

FILIAL EM LISBOA

Rua da Prata. 100

BRAGA
Pinheiro & C.
BASTIEN
Ferreira & Torres

GAZDADA - Largo de S. Carlos

SIQUEIRA - Largo de Camões

INTERNACIONAL

Companhia portuguesa de seguros

SÉDE EM LISBOA
100, Rua Aurea, 1.º

Efectua seguros marítimos e contra o risco de fogo, gaz e raio.

Agencias nas principais povoações do paiz

Directores
Raphael de Meilo Amaral.
Visconde de Mangualde.
Carlos Alfredo Romão.

PERNAMBUCO Powder Factory
FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO
Rua do Commercio, 6
(HERMAN-ZUNDGEN)

PERNAMBUCO

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL
Capital social 2.000.000.000 rs.
15.600.000.000 REIS
De sinistros pagos desde 1864 até 1905
PREMIOS E RESERVAS 6.993.000.000
Seguros contra incendio, explosão de gaz ou raio

Equatore Atlantique & Union Maritime
Companhas francezas contra os riscos marítimos e riscos de transporte de qualquer natureza.
DIRECTORES — Léon Meyer & Pihon
LISBOA — Rua da Prata, 50, S.º

CASA CRINEZA
ANTIGA LOJA
DE
CHÁ E CAFE

Chás verde e preto. Leques da moda
bouças e charões
da China e Japão

234, RUA DO OURO, 236
(Defronte do Monte-Pio Geral)

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

ENDERÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES
95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

AO PALAIS ROYAL**JOIAS****GRANDE BAZAR****MACHINAS DE COSTURA**

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de oiro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.^oCasa fundada
em
1872Premiada
com os primeiros
premios em todas
as exposições.**Pacheco Borges & C.^a****Importação****e exportação****Commercio e consignações**

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ**Coimbra & C.^a****FABRICANTES DE CALÇADO**Fornecedores da Casa Real
e das principaes casas do pais**EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL**

bomens e criações nas FILIAES:

Rua do Principe, 124 — Rua Nova do Carmo, 94

Officinas — B. do Jardim do Regedor, 33 a 44 — LISBOA**LEAL, SANTOS & WALD**

Fabrica de biscoitos

RIO GRANDE DO SUL

Fornem os especiaes biscoitos

DO

RIO GRANDE

DE

LEAL, SANTOS & WALD

Qualidade e sortimento eguaes aos inglezes

F^a venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico — ZULMIRA

AGUA CARBO GAZOSA

DAS

LOMBADAS

S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMAGAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e roilhas esterilizadas.
Pedir tabellas de preços e condições de venda a Meyrelles
& C.^a, fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Príncipe
Reinante de Monaco.**174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178****LISBOA****Hector
Legros****LANTERNAS, MOINHOS
BOMBAS****Encanamentos
para agua e gaz
POÇOS TUBULARES****T. da Parreirinha 20**(RUA CAPELLO)
LISBOA**H. PARRY & SON**

Construção de navios de ferro e aço

Caldreiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36**LISBOA****DOCAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS****ESTABEIRO NO GINJAL****Photographia****FIDANZA****PARÁ**

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado
estabelecimento do**Norte do Brasil**premiado nas exposições de
Paris e Chicago.**Nitidez, perfeição e arte****COMPAGNIE
des Messageries Maritimes**

Paquebots post français

LIGNA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.Para passageiros de 1.^a classe tra-
ta-se com José Antonio dos Santos &
C.^a, 4, Praça dos Remoleres.Para cargas, passageiros e todas as
informações, trata-se na agencia da
Compagnie, Rua Aurora, 31.
Pela Compagnie des Messageries
Maritimes

Inc. Portadas.

CAIXA POSTAL N.º 58

103

ENDER. TEL. CAVILHAS

ESTEVÃO NUNES & FILHOS

A MAIS ANTIGA MERCERIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880
Dias d'Oliveira & C.^a — Vinhos, conservas, generos de 1.^a qualidade.—A primeira n'este genero.
 Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.
 Filial—Rua Theodoro Soto — **Mañaos** — RUA INSTALLAÇÃO, 12

Typographia
 OFFICINAS A VAPOR
 18 a 24, R. Assumpção, 18 a 24
 LISBOA



MANOEL CANICEIRO DA COSTA
 CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil
 Foi fundado em 1870
 Promptidão, rapidez e modicidade de preços
Grande Deposito De materiais para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ

Endereço telegraphico—CANICEIRO

Caixa postal—N.º 63



Nova sapataria da moda
Vicior Gomes & Pedroso
 Fabricação em exportação de Paris de 1898

OFFICINA E DEPÓSITO:
 47, Rua de S. Nicolau, 49
 DEPÓSITO NO PAIZ:
 231, R. de S. Bárbara, 233
 REPRESENTANTE NO PAIZ:
 I. F. ALMEIDA FERREIRA, CHIFFRE Nº 124

REGISTRADA



MARCA

MANUFATURA DE CALÇADO
 EM TODOS OS GENEROS
 Exportação para o Brazil, Africa
 e Brazil
 Depósito geral—R. Assumpção, 188
 41, R. de S. Nicolau, 49



GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construido de accordo com o clima do paiz, e situado nas faldas de Corcovado.

Passa todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e apartamentos para familias e cavalheiros

Gerente
CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a—Rua de S. Paulo, 216, 2.^o—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 35

Letura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

FERTENCES DE ESCRITORIO

Preços sem competencia.
 Endereço telegraphico Moderna.



FORNEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166—LISBOA

Promptidão-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.